

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 04 a 08 de agosto de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

Destaque da Semana

Duas matérias publicadas nesta semana mostram a contradição a Política Mineral Brasileira, uma retrata o conflito entre as mineradoras e os governos estaduais que insistem em cobrar das mineradoras uma taxa flagrantemente inconstitucional, a outra retrata os benefícios da mineração para a cidade de Nova Lima.

Como em praticamente todas as semanas reproduzimos matérias que demonstram de maneira conspícua e inconteste o impacto positivo da mineração nas economias das regiões onde atua, a idéia de se cobrar taxas sobre a mineração ou aumentar o royalty (CFEM) com base no argumento de se buscar “compensações” pelas perdas e os “buracos” causados pela mineração fica cada vez mais indefensável. Ao que parece, o único buraco que se deseja cobrir com mais impostos e taxas sobre a mineração é o buraco do orçamento público, o qual, infelizmente, nenhuma liderança política ou governo parece ter, de fato, interesse em parar de “escavar”.

Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

1-04/08/2014

Empresas contestam taxas de mineração

Por **Bárbara Mengardo | De Brasília**

Apesar de parte dos Estados terem reduzido os valores cobrados, algumas empresas ainda brigam na Justiça pelo direito de não pagar as taxas de mineração. A cobrança foi instituída por leis editadas entre 2011 e 2012 pelos Estados de Minas Gerais, Pará, Mato Grosso do Sul e Amapá. Algumas das normas já são questionadas no Supremo Tribunal Federal (STF).

Criada para financiar a fiscalização das atividades das empresas do setor pelo poder público, a taxa incide sobre a tonelada de mineral ou minério bruto extraído. Minas Gerais cobra pouco mais de R\$ 1 por tonelada. No Pará, o valor varia entre R\$ 1,20 e R\$ 7,70, a depender do produto extraído. E no Mato Grosso do Sul é cobrado entre R\$ 1 e R\$ 2,10 por tonelada.

Os valores das taxas são pequenos, mas por estarem atreladas à produção as quantias desembolsadas mensalmente pelas empresas de grande porte alcançam a casa dos milhões de reais, segundo o tributarista Igor Mauler Santiago, do Sacha Calmon

Misabel Derzi Consultores e Advogados. "Teoricamente, é uma taxa de fiscalização. Seu valor, porém, varia de acordo com o faturamento da empresa", diz

As polêmicas taxas levaram a Confederação Nacional da Indústria (CNI) a propor, no Supremo, três ações diretas de inconstitucionalidade (Adins) para contestar leis do Pará, Amapá e Minas Gerais. Após a movimentação, Minas e Pará diminuíram o valores cobrados, o que fez com que grandes empresas do setor - como a Vale - desistissem de processos sobre o tema.

Outras companhias, entretanto, mantiveram os litígios. É o caso de uma empresa de cimento do Mato Grosso do Sul que, atualmente, possui tutela antecipada (espécie de liminar) para não recolher a taxa. A medida foi confirmada em julho pelo Órgão Especial do Tribunal de Justiça do Estado (TJ-MS).

A medida foi obtida em julho de 2013. Após analisar a ação, o juiz Alexandre Tsuyoshi Ito, da 4ª Vara de Fazenda Pública de Campo Grande, considerou, dentre outros pontos, que o Estado do Mato Grosso do Sul não teria competência para instituir a taxa. Isso porque, de acordo com o artigo 20 da Constituição Federal, os recursos minerais pertencem à União.

Para advogados, além do conflito de competência, as leis que instituíram as taxas possuem outras inconstitucionalidades. Dentre elas, o fato de a base de cálculo ser típica de imposto, e não de taxa. A irregularidade ocorreria porque o valor pago está vinculado à quantidade produzida pelo contribuinte. "Para ser caracterizada como taxa, deveria ter correspondência entre a base de cálculo e o preço da fiscalização", afirma o advogado Paulo Honório de Castro Júnior, do Willian Freire Advogados Associados.

"Qual a diferença entre fiscalizar uma tonelada ou cem toneladas [de minério]?", questiona o advogado Fernando Facury Scaff, do escritório Silveira, Athias, Soriano de Mello, Guimarães, Pinheiro e Scaff Advogados.

Há, porém, decisões desfavoráveis às empresas. A Mineração Usiminas, por exemplo, não conseguiu derrubar a taxa no Tribunal de Justiça de Minas Gerais. O processo foi analisado em maio. Para o relator do caso, desembargador Fernando Caldeira Brant, a norma que instituiu a cobrança é regular. Isso porque o artigo 23 da Constituição Federal elenca como de competência comum da União, Estados e municípios "registrar, acompanhar e fiscalizar as concessões de direitos de pesquisa e exploração de recursos hídricos e minerais".

Em Minas, tramitam pelo menos outras duas ações sobre o tema, todas com decisões desfavoráveis em segunda instância. Já no Mato Grosso do Sul, o advogado Alessandro Mendes Cardoso, do escritório Rolim, Viotti & Leite Campos, que defende a empresa de cimento no processo, representa outra companhia em um processo similar, mas que ainda não foi julgado.

A palavra final sobre o tema, entretanto, deverá ser dada pelo STF. As três ações da CNI, propostas em 2012, têm como relatores os ministros Ricardo Lewandowski, Celso de Mello e Luiz Fux, mas ainda não foram pautadas.

Por meio de sua assessoria de imprensa, a Procuradoria-Geral do Estado de Minas Gerais (PGE-MG) afirmou que não se pronunciará sobre o caso citado. Já em relação à Adin, informou que "tanto a Advocacia-Geral da União como a Procuradoria-Geral da República já se pronunciaram pela constitucionalidade da lei, corroborando a defesa do Estado".

Procuradas pelo **Valor**, a PGE do Mato Grosso do Sul e a Mineração Usiminas não deram retorno até o fechamento da edição.

2-04/08/2014

Glencore fatura US\$7 bilhões com a venda de Las Bambas

A chinesa MMG e associadas comprou Las Bambas, um dos maiores projetos de cobre do mundo pela bagatela de US\$7 bilhões. Las Bambas, que pertencia à suíça Glencore Xtrata, irá produzir 450.000t de cobre ao ano fortalecendo sobremaneira a China, a maior importadora do metal.

Com essa produção o Peru será o segundo maior produtor de cobre do mundo atrás, apenas, do Chile. Com a venda a Glencore nada em dinheiro e espera-se que, pelo menos, US\$3 bilhões desse montante retorne, como dividendos, aos acionistas.

Fonte: www.geólogo.com.br

3-04/08/2014

COMPANHIA DE MINERAÇÃO DE RONDÔNIA INICIA VENDA DE CALCÁRIO

A Companhia de Mineração de Rondônia (CMR) começou a comercializar o calcário. A nova fábrica inaugurada em maio em Pimenta Bueno é capaz de produzir 400 mil toneladas de calcário por ano e com maior qualidade, 86 por cento de Poder Relativo de Neutralização Total (PRNT). As vendas serão realizadas pela CMR diretamente aos produtores rurais interessados.

Segundo o diretor presidente da CMR, Moisés de Almeida Góes, "as vendas estão abertas a todos os produtores rurais do estado de Rondônia, o custo da tonelada é de R\$ 40,00 na indústria, sendo o transporte por conta do produtor. Neste início daremos

prioridade no carregamento aos pequenos produtores rurais, associações e cooperativas”, explicou o diretor Góes.

O titular da Secretaria do Estado da Agricultura, Pecuária, Desenvolvimento e Regularização Fundiária (Seagri), Evandro Padovani, enfatizou que a agropecuária do Estado terá um avanço com economia. “Antes o produtor rural que quisesse comprar calcário tinha que importar do Mato Grosso, hoje adquire este produto dentro do Estado com a mesma qualidade e com maior economia. A produção do estado de Rondônia com a utilização do calcário terá novas proporções”.

Contato

Os produtores interessados em adquirir o calcário poderão entrar em contato diretamente com a CMR pelos telefones (69) 9933-3673 em Espigão do Oeste e (69) 3216-5177 em Porto Velho.

Fonte: Diário da Amazônia

4-04/08/2014

VALE INVESTE US\$ 4,2 BILHÕES EM MG NO 1º SEMESTRE

Os investimentos da Vale em Minas Gerais no primeiro semestre deste ano chegaram a US\$ 4,2 bilhões. Em comunicado ao mercado ontem (31), a mineradora afirmou que os recursos foram destinados a áreas de negócio como minério de ferro, pelotização, logística e pesquisa mineral. Os investimentos socioambientais no período foram de US\$ 154,8 milhões.

A produção total do primeiro semestre, sem a produção da Samarco atribuível à Vale, foi de 150,5 milhões de toneladas de minério de ferro, 11,1% maior do que o registrado nos seis primeiros meses do ano passado. Em Minas Gerais, aproximadamente 95,2 milhões de toneladas da commodity foram produzidas durante o período.

No segundo trimestre, a produção de minério de ferro da Vale no Brasil atingiu 79,4 milhões de toneladas, a melhor performance de um segundo trimestre na história da empresa.

O Sistema Sudeste, que compreende os complexos de minas de Itabira, Mariana e Minas Centrais, produziu 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro no segundo trimestre, 2,5% acima do primeiro trimestre. O aumento foi impulsionado pelo bom desempenho operacional após as manutenções programadas que foram realizadas e por melhores condições climáticas.

A produção do sistema Sudeste nos primeiros seis meses foi de, aproximadamente, 52,3 milhões de toneladas.

O Sistema Sul, que compreende os complexos de minas de Paraopeba, Vargem Grande e Minas Itabirito, produziu 22,3 milhões de toneladas de minério de ferro entre abril e junho, a melhor performance trimestral desde o terceiro trimestre de 2008. No primeiro semestre, o conjunto de complexos produziu 42,9 milhões de toneladas.

A produção de pelotas pelas usinas Fábrica e Vargem Grande, em Minas Gerais, ultrapassou 4,3 milhões de toneladas, segundo afirmou a mineradora.

De acordo com a Vale, a Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM) registrou transporte de mais de 69,5 milhões de toneladas, entre minério de ferro e produtos de carga geral, como grãos, combustível e aço, no primeiro trimestre 2014.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

5-04/08/2014

CORUMBÁ BATE RECORDE NA PRODUÇÃO DE MANGANÊS COM 266 MIL TONELADAS ATÉ JUNHO

Quanto ao minério de ferro, a produção nas unidades corumbaenses foi 2,6 mi de toneladas

A unidade da Vale no município de Corumbá encerrou o segundo trimestre deste ano com produção recorde de minério de manganês. De acordo com balanço divulgado ontem pela empresa, foram produzidas, no período, 136 mil toneladas do minério na mina de Urucum. No semestre, o desempenho também foi positivo.

Segundo a Vale, a produção de manganês em Corumbá somou 266 mil toneladas de janeiro a junho, volume 25% maior que o resultado dos mesmos meses de 2013 (212 mil toneladas). Quanto ao minério de ferro, a produção nas unidades corumbaenses totalizou 2,6 milhões de toneladas e a nacional, 79,4 milhões de toneladas durante o primeiro semestre. A companhia informou ainda que desembolsou US\$ 135,7 milhões em Mato Grosso do Sul, com investimentos e custeios na área de negócios como minério de ferro e minério de manganês. Já os investimentos socioambientais da mineradora somaram US\$ 4,5 milhões.

Exportação

Durante o primeiro semestre, o Estado exportou 3,12 milhões de toneladas de minérios de ferro e manganês, de acordo com o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic). O volume exportado é 31% maior que os 2,37 milhões de toneladas dos produtos destinados ao mercado externo no mesmo período de 2013.

As transações, somente neste ano, resultaram em receita de US\$ 262,04 milhões, 12% a mais que os US\$ 233,67 milhões acumulados nos seis primeiros meses do ano passado. A Argentina responde por quase totalidade desse mercado comprador. Neste ano, o país destinou ao Estado US\$ 256 milhões na compra de minérios de ferro e manganês. O minério de ferro, especificamente, é o quarto principal produto da balança comercial de Mato Grosso do Sul, atrás da soja, celulose e carne bovina.

Fonte: Correio do Estado

6-04/08/2014

VALE CONFIA NA CHINA, MAS FOCA NA CAPACIDADE DE GANHAR MARGEM

A Vale, maior produtora global de minério de ferro, avalia que a demanda da China será maior no segundo semestre, mas prevê um período de preços menos "exuberantes" para a matéria-prima do aço, e assim manterá forte foco em elevar margens diante do crescimento da oferta global da commodity.

"Historicamente o segundo semestre da China é melhor", disse nesta quinta-feira o diretor-executivo de Ferrosos e Estratégia da Vale, José Carlos Martins, durante conferência com analistas sobre resultados do segundo trimestre, divulgados mais cedo.

O executivo destacou que o governo da China, maior importador de minério de ferro do mundo e de produtos da Vale, costuma fazer movimentos na segunda metade do ano para cumprir metas para a economia chinesa, como liberação de crédito.

"Estamos otimistas com relação a China, eles têm mostrado capacidade muito grande de manter a economia com vigor apesar das expectativas negativas que a gente tem assistido", declarou.

A expectativa para os preços do minério de ferro no segundo semestre também é de melhora em relação ao que foi observado até agora neste ano. Em junho, o minério caiu para uma mínima de 21 meses, de acordo com o Steel Index.

Os preços do minério de ferro tiveram o segundo ganho mensal consecutivo em julho, em meio à demanda sustentada da China, embora o insumo para a fabricação de aço ainda não tenha se afastado de forma consistente das mínimas de 21 meses.

Segundo Martins, o preço sofreu forte impacto de uma oferta excessiva de minério de ferro entre janeiro e junho deste ano, mas que em grande parte já foi absorvida.

"Fomos surpreendidos pelo aumento da oferta de minério muito maior que a gente esperava", disse Martins.

A Vale calcula que a oferta global de minério de ferro vai crescer em cerca de 50 milhões de toneladas no segundo semestre, ante aumento de 90 milhões de toneladas no primeiro.

A mineradora publicou lucro líquido de 3,187 bilhões de reais no segundo trimestre, com preços menores do principal produto da companhia limitando ganhos.

Os preços do produto da Vale caíram 17,6 por cento no segundo trimestre ante o mesmo período de 2013, para 84,60 dólares por tonelada, devido ao aumento da oferta global -- a própria companhia produziu um recorde para o segundo trimestre.

O papel preferencial da Vale fechou com alta de 0,69 por cento, enquanto o Ibovespa recuou 1,84 por cento.

"Os bons números foram impulsionados principalmente por uma combinação de maiores volumes de vendas de minério de ferro, melhor realização de preços de minério de ferro e fortes preços de metais básicos, que compensaram a queda nos preços do minério de ferro", segundo relatório do JP Morgan.

Maiores margens

Mas é na capacidade de diluir custos com a escala de produção que reside a confiança da Vale para lidar com um mercado bem ofertado, explicou Martins.

"A gente sabe que o preço não vai ter mais aquela exuberância que a gente viu nos últimos anos", afirmou, ponderando que os preços somente deixaram de ser "muito lucrativos" para a empresa e agora serão apenas "lucrativos".

Segundo ele, nos últimos seis anos, houve um período de demandas fortes e preços subindo e que agora o mercado terá um período de estabilidade.

Para Martins, se sairão melhor as empresas que começarem a administrar os custos de forma mais eficiente.

"Estamos moderadamente otimistas quanto a preço, estamos muito otimistas com relação a nossa capacidade de ganhar margem com ampliação de volume e também de redução de custo."

Segundo cálculos da Vale, houve um crescimento acima do esperado na oferta no mercado transoceânico. "O mercado seaborne (transoceânico) está crescendo este ano quase 20 por cento acima do ano anterior", afirmou.

O crescimento, avaliou Martins, recebeu impacto também de um ramp-up antecipado de

expansões de projetos na Austrália e também devido a um clima favorável em importantes áreas produtoras, incluindo o Brasil.

Entretanto, o mesmo não aconteceu com a demanda. "Esperávamos aumento da demanda um pouco maior, do ponto de vista de aço e ela foi um pouco pior tanto no ocidente, como na própria China", afirmou.

Ele observou que a correção da demanda mais fraca se dá no preço e destacou que o crescimento da oferta observado na Austrália não deve se repetir na mesma proporção no próximo ano. Mas alguns locais, como o próprio Brasil, devem apresentar expansão da produção.

Fonte: Reuters

7-04/08/2014

MINERAÇÃO ALAVANCA INDICADORES SOCIAIS DE NOVA LIMA

A história de Nova Lima se confunde com a trajetória da mineração no Brasil. O núcleo urbano que originou a cidade, atualmente com 87,4 mil habitantes, começou a ser formado em meados do século dezoito, a partir da descoberta de ouro. De lá para cá, Nova Lima se tornou referência na exploração de ouro e de minério de ferro. A economia do município acompanhou essa evolução.

A cidade ocupa o primeiro lugar, entre os 853 municípios mineiros, no Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM) 2014, elaborado pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). O ranking leva em conta o desempenho dos municípios em saúde, educação e emprego e renda (os dados são de 2011).

Elaborado pela Fundação João Pinheiro, o Índice Mineiro de Responsabilidade Social (IMRS) também endossa o desenvolvimento econômico e social do município. Segundo o IMRS de 2014, que leva em consideração os dados de 2009, 2010 e 2011 e tem o mesmo critério de avaliação (quanto mais perto de 1, melhor), a cidade é a nona mais desenvolvida de Minas Gerais.

Qualidade

Na avaliação da empresária e moradora de Nova Lima, Lúcia Silva do Vale, os índices descrevem bem a situação do município. "Tenho duas filhas formadas que estudaram na cidade, inclusive na faculdade. A educação do município é excepcional. O sistema de saúde também é muito bom", afirma.

De acordo com a presidente da Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Nova Lima, Tatiane Verônica Ribeiro, a extração minerária é a principal responsável pelo

bom desempenho.

Segundo ela, os royalties da mineração alavancam a capacidade de investimento do poder público em educação e saúde.

Depois, porque faz com que a renda da população nova-limense aumente. Segundo o IMRS, a renda de Nova Lima tem pontuação 0,954, muito próxima de 1, que seria a nota máxima.

“Apesar da nossa vocação minerária, a preservação ambiental é foco da cidade. Hoje, 62% da área de Nova Lima é preservada”, ressalta o prefeito, Cássio Magnani Júnior.

Comércio intenso

Como consequência da intensa atividade mineral, o comércio é intenso. Tatiane, que é proprietária do restaurante Pic Lanches, na praça principal, vivencia essa pujança. No estabelecimento, ela emprega 74 pessoas e atende 1.200 clientes por dia.

“Sabemos que no segmento da alimentação a mineração não tem um impacto tão direto. Afinal, a maioria dos meus clientes não é formada por funcionários das mineradoras. Mas os parentes deles são”, afirma.

Ou seja, com o aumento da renda das famílias, o comércio tem um resultado melhor. “Não imagino Nova Lima sem a mineração”, afirma a empresária.

Setor imobiliário espelha o crescimento

O desenvolvimento imobiliário é marca registrada de Nova Lima. É fácil perceber que os luxuosos condomínios horizontais têm crescido a passos largos.

Os prédios, que antes não eram comuns, também começam a fazer parte da paisagem. Como consequência dos benefícios associados à qualidade de vida oferecida pela cidade e do aumento da renda dos nova-limenses, a valorização dos imóveis foi inevitável.

De acordo com o proprietário da RTW Imobiliária, Robson Torres, um apartamento em Nova Lima custa, em média, 20% mais do que um imóvel com tamanho e acabamento equivalentes em bairros de alto crescimento em Belo Horizonte, como o Buritis. “A qualidade de vida de Nova Lima conta muito. Além disso, a demanda é maior do que a oferta, o que faz os preços subirem”, comenta.

Além de dirigir a imobiliária, o empresário é gerente-geral das cinco unidades da Casa Estrela, tradicional loja nova-limense de cama, mesa, banho e vestuário.

Tradição familiar

A primeira loja foi comprada em 1939 por Alfredo Wardi. “O dono da loja, na época, sofria de uma doença que era agravada pelo clima de Nova Lima e teve que se mudar”, diz o gerente-geral. O patriarca da família morreu aos 86 anos e trabalhou até o último dia de vida, conforme afirma Torres.

Eduardo Wardi, um de seus filhos, é o responsável pela empresa. Agora, o gerente-geral treina um dos filhos de Eduardo, o Igor, para dar continuidade aos negócios. “Nova Lima é uma cidade muito boa. A família Wardi não vai sair daqui tão cedo”, afirma Torres.

Além de qualidade de vida, ele cita a estabilidade econômica da cidade e a renda da população como vantagens para se instalar um comércio no município. Ainda de acordo com Torres, os resultados da loja estão diretamente ligados ao desempenho da atividade minerária.

Em 2010, quando a mineração atingiu níveis históricos, o comércio respondeu à altura. “Nessa época, faltava mão de obra nas lojas. Vendíamos muito mesmo”, comenta.

Ainda com relação à mão de obra, ele afirma que atualmente, 90% dos funcionários são mulheres. No passado, a maioria era composta por homens. “As mineradoras oferecem melhores salários e nossos funcionários foram para lá. Hoje, as esposas deles trabalham conosco”, diz.

Jardim Canadá é polo de desenvolvimento

Uma região peculiar de Nova Lima tem se destacado como polo empresarial localizado às margens da BR-040, o Jardim Canadá tem atraído cada vez mais empresários interessados em um ambiente tranquilo e diversificado. Hoje, cerca de 800 negócios funcionam no local.

O presidente da Associação Industrial e Comercial do Jardim Canadá, José Alexandre Leão, afirma que são empresas de diversos setores e que há espaço para todos.

“No início, várias empresas moveleiras estavam instaladas no bairro. Hoje, temos muitas focadas em comércio e outras tantas de tecnologia”, afirma.

Ele é diretor-geral da Sawae, especializada em equipamentos de raio X humano e veterinário. A Sawae, segundo Leão, foi a primeira a se instalar no bairro, em 1998.

“Naquela época, não tínhamos recursos básicos, como água e esgoto. As ruas não estavam sequer abertas”, diz.

De lá para cá, muita coisa mudou. E as mineradoras, aliadas com o poder municipal, de

acordo com ele, foram cruciais para o desenvolvimento da região. A Vale e a AngloGold Ashanti são as empresas citadas pelo empresário como apoiadoras do Jardim Canadá.

“Realmente existe uma interação muito grande dessas mineradoras com a comunidade. A praça dos Quatro Elementos, por exemplo, foi elaborada na minha sala, com representantes das mineradoras”, afirma.

Mercado de luxo

O proprietário da Canadá Piscinas, Marcos Oliveira, está há 14 anos no bairro. O faturamento da empresa, segundo ele, aumenta em média 15% ao ano. O motivo é o desenvolvimento imobiliário. “Nosso público são os moradores dos condomínios”, afirma. Como exemplos ele cita o Vale do Sereno e o Alphaville.

A construção das casas luxuosas também refletiu positivamente nos negócios de Manoel Luiz Pereira Júnior. Ele, que é proprietário de uma loja de locação de equipamentos para a construção civil, a Locação Mesquita, vê a receita crescer pelo menos 10% ao ano. Mesmo quando a economia não vai tão bem, como neste ano.

“Os loteamentos não param e as casas estão cada vez mais luxuosas. Estou no ramo certo”, comemora.

Fonte: Hoje em Dia

8-04/08/2014

Criticado por ambientalistas, mineroduto Minas-Rio está prestes a funcionar

Ao longo de 525 quilômetros, maior mineroduto do mundo transportará todos os anos 26 milhões de toneladas de minério de ferro. Destino principal da matéria-prima é a China.

Após cinco anos de atraso, o maior mineroduto do mundo, o Minas-Rio, deve entrar em operação no final deste ano. As 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro que serão transportadas anualmente por esse sistema de Minas Gerais até o porto no Rio de Janeiro já têm um destino: siderúrgicas na Ásia, principalmente na China.

Em 2008, a empresa britânica de mineração Anglo American comprou os planos do complexo Minas-Rio, idealizado pelo grupo EBX, de Eike Batista, e inicialmente orçado em 5 bilhões de dólares. O primeiro transporte de ferro foi planejado para 2009, mas falhas no projeto e impasses com a Justiça, devido a questões socioambientais, atrasaram – e também encareceram – as obras.

Assim, o valor para a instalação do complexo quase dobrou, chegando a 8,8 bilhões de dólares. Com o início da construção também surgiram os problemas. A empresa enfrentou ações judiciais movidas pelo Ministério Público de Minas Gerais, que questionou as obras de uma linha de transmissão de energia elétrica, a atuação da empresa perto de sítios arqueológicos e também a passagem do duto por uma caverna que abriga animais ameaçados de extinção.

Além disso, o Ministério Público Federal (MPF) questionou os impactos socioambientais causados na Serra do Espinhaço, reserva da biosfera da Unesco, na bacia hidrográfica da região e também em comunidades tradicionais.

O MPF também criticou o processo de licenciamento da obra, no qual o complexo foi dividido em três partes – mina, mineroduto e porto – e, para cada uma delas, as licenças ficaram a cargo de órgãos ambientais diferentes.

Obra problemática

"Essa fragmentação causa uma série de problemas, pois o impacto da obra como um todo não é avaliado, mas só suas partes. Além disso, o licenciamento por órgãos diferentes também fragmenta o controle social, o monitoramento por parte da sociedade, dificultando a participação pública, já que as pessoas não sabe a qual órgão recorrer", avalia a socióloga Andréa Zhouri.

A pesquisadora, que é coordenadora do grupo de estudos em temáticas ambientais da Universidade Federal de Minas Gerais, questiona também o expressivo número de condicionantes da obra. "Elas chegaram a 300, é um número grande, que mostra a

deficiência, a insuficiência ou o subdimensionamento dos impactos desse projeto", opina.

Além desse aspecto, a construção do complexo se viu envolta em escândalos sociais. Por duas vezes, a fiscalização do Ministério do Trabalho flagrou trabalhadores em condições análogas à escravidão. As negociações de indenizações para proprietários de terras localizadas no percurso do mineroduto também são alvos de críticas por falta de transparência.

Segundo a pesquisadora Denise de Castro Pereira, da PUC-Minas, as negociações de indenizações foram feitas de forma desigual, e famílias com baixo grau de instrução acabaram lesadas no processo. Ela afirma que o corte feito pela faixa de servidão do duto [faixa de segurança que acompanha, na superfície, o traçado do duto] inviabiliza a agricultura ou pecuária em algumas pequenas propriedades.

"Cria-se uma situação que o Banco Mundial chama de 'deslocado econômico': a pessoa não é retirada de sua terra, pois do ponto de vista empresarial e das regras estabelecidas a retirada não se justifica, mas perde as condições de vida e trabalho naquele lugar", comenta.

Alternativas de transporte

Entretanto, especialistas avaliam a construção de dutos para transportar minérios como a opção menos poluente e mais barata do que as outras alternativas, como o transporte por caminhão ou trem, apesar dos impactos iniciais.

"Como qualquer obra de infraestrutura, a parte de instalação e construção causa alguns transtornos. Mas, no momento que a obra estiver pronta, as pessoas vão esquecer que a canalização do mineroduto passa por baixo de seu terreno, pois não gera vibração nem ruído", afirma o engenheiro Enrique Munaretti, chefe do Departamento de Engenharia de Minas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Segundo ele, os impactos da obra são menores do que os da construção de uma rodovia ou ferrovia. Além disso, para transportar a quantidade de ferro estimada pela empresa seriam necessárias 800 mil viagens de caminhão, o que gera emissões de poluentes como dióxido de carbono e enxofre, sem contar com os riscos de acidente na estrada.

"O mineroduto é uma solução econômica muito boa e também ambientalmente excelente. No início, precisa-se fazer abertura de trincheiras e valas para os canos serem enterrados. Depois esses buracos são fechados e é feito um replantio da vegetação, além de marcação para que não se construa nada em cima. O ambiente volta a ser como era originalmente", afirma Munaretti.

O engenheiro de minas Eduardo Drummond reforça as vantagens. "Independente de condições climáticas para operação, e os custos por tonelada transportada, operacional e de manutenção são imbatíveis", argumenta.

Mais de 500 quilômetros

O projeto Minas-Rio engloba uma mina de exploração de minério de ferro em Conceição do Mato Dentro, em Minas Gerais, um terminal no Porto do Açu, em São João da Barra, no Rio de Janeiro, além do mineroduto de 525 quilômetros, que liga esses dois extremos, passando por 32 cidades nos dois estados.

A capacidade inicial de produção e transporte é de 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro por ano. Para percorrer a distância entre a mina e o porto através do duto, o minério é misturado com água, se transformando numa polpa. Esse líquido é impulsionado pelo trecho com o auxílio de duas estações de bombeamento.

A velocidade de transporte é de seis quilômetros por hora. A polpa leva cerca de quatro dias para chegar ao final do percurso. No porto, o minério é filtrado e separado da água, para que somente ferro seja embarcado nos navios.

O mineroduto já está pronto e agora estão sendo realizados testes necessários para colocá-lo em funcionamento. Além disso, a Anglo American, ainda precisa das licenças

de operação que, segundo a empresa, devem sair no terceiro trimestre deste ano. Contactada, a Anglo American não respondeu às críticas sobre impactos causados pela obra até a conclusão desta matéria.

Fonte: Deutsche Welle

9-05/08/2014

Austrália já é a segunda maior produtora de ouro do mundo

Em 2013 a produção australiana de ouro atingiu 273 toneladas ficando atrás, apenas da China que produziu 428 t. Em terceiro lugar veio os Estados Unidos com 227 toneladas. As minas de ouro australianas eram controladas por investidores estrangeiros, que chegaram a ter 70% dos ativos, voltaram a ser controladas, recentemente, pelos próprios australianos. Este é um fenômeno interessante, que parece estar na contramão do momento histórico onde os chineses compram tudo o que podem, demonstrando o quanto os australianos acreditam no setor e nos seus próprios recursos.

Fonte: www.geologo.com.br

10-05/08/2014

MINERAÇÃO CORRESPONDE A 11,1% DO PIB CHILENO, MAS O EFEITO MULTIPLICADOR É MUITO MAIOR

A indústria da mineração emprega 3,1% de todos os empregos diretos do Chile. Ela corresponde a 11,1% do PIB e os produtos da mineração tem uma participação de 60% nas exportações chilenas.

No entanto, o efeito indireto da mineração na economia é muito maior.

Para que a mineração produza é necessário que outras áreas também produzam e suportem. Setores como os dos insumos operacionais, consumos de bens e serviços, intermediação financeira, empregos indiretos, investimentos em áreas correlatas, consumo de energia e gastos governamentais.

No total essas áreas todas adicionam, segundo o Conselho de Mineração do Chile, 67% a tudo o que é produzido pela mineração no país.

Ou seja, a participação real da mineração no PIB fica em torno 18,5% ao invés dos 11,1% medidos em 2013: é o chamado efeito multiplicador que retrata a mineração dentro de uma ótica mais realista e abrangente.

~Fonte: Geólogo

11-05/08/2014

CSN REITERA META DE VENDER 37 MILHÕES DE TONELADAS DE MINÉRIO NO ANO

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) reiterou a meta de encerrar o ano com vendas de minério de ferro de 37 milhões de toneladas no acumulado do exercício, diante da expansão na mina Casa de Pedra e no Tecar, terminal portuário da CSN em Itaguaí (RJ).

“Estamos muito tranquilos com os volumes até o fim do ano e para o ano que vem”, afirmou o diretor de mineração da companhia, Daniel dos Santos, em teleconferência com analistas. Em relação aos preços da commodity, a expectativa da empresa é de que se mantenha em torno de US\$ 100 por tonelada até o fim do ano.

Em relação ao negócio de cimento, a direção da CSN reiterou que, neste momento, está concentrada na expansão do Sistema Sudeste, ao ser questionada sobre a possibilidade de compra de ativos que venham a ser colocados à venda no processo de fusão entre Holcim e Lafarge. Segundo a CSN, se surgir uma oportunidade, ela será avaliada, “mas dentro da filosofia de se criar valor para a empresa”.

Fonte: Valor Econômico

12-05/08/2014

Yara International compra 60% da brasileira Galvani

Por **Fernanda Pressinott | Valor**

SÃO PAULO - A Yara International assinou um acordo no valor de US\$ 318 milhões para adquirir 60% de participação na Galvani Indústria, Comércio e Serviços S/A. Do total a ser pago, US\$ 132 milhões são destinados para os negócios existentes e US\$ 186 milhões para os projetos de mineração e produção, valor este que pode ser ajustado por alguma variação em relação ao capital de giro normalizado (US\$ 42 milhões) no momento da conclusão do negócio, diz a Yara em comunicado.

A Galvani é uma empresa de fertilizantes fosfatados, de capital fechado e controlada pelo empresário brasileiro Rodolfo Galvani Jr. A empresa atua na mineração de rocha fosfática e produção de fertilizantes fosfatados (superfosfato Simples - SSP), atendendo principalmente aos mercados das regiões Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil.

Também segundo o comunicado, caso certas condições relacionadas a projetos de mineração da Galvani em andamento sejam atingidas, “a Yara se compromete a apoiar o desenvolvimento dos mesmos, cujo investimento total é de US\$ 920 milhões, com

participação de US\$ 552 milhões (referente aos 60% de sua participação) até 2019 – o financiamento será decidido com base na maximização de valor para a companhia”.

“A aquisição representa mais um passo significativo na concretização de nossa estratégia de crescimento na América Latina, fortalecendo nossa posição no Brasil e mostrando nosso compromisso com o desenvolvimento e investimento na agricultura brasileira”, disse Joergen Ole Haslestad, presidente e CEO da Yara International, no documento.

Segundo Rodolfo Galvani Jr., presidente do Conselho de Administração da Galvani, “este acordo com a Yara tem um significado que transcende uma joint venture tradicional. A empresa passa a contar com o parceiro ideal para a implantação mais rápida e eficiente dos seus projetos”.

A receita total da Galvani em 2013 foi de US\$ 352 milhões, com um Ebitda de US\$ 48 milhões. A companhia possui capacidade de produção de SSP de cerca de 1 milhão de toneladas por ano por meio dos complexos industriais de Paulínia (SP) e Luís Eduardo Magalhães (BA). As duas unidades utilizam rocha fosfática originária das minas de Lagamar (MG), Angico dos Dias (BA) e Irecê (BA).

A empresa tem projetos de rocha fosfática em Salitre (MG), com capacidade de 1,2 milhão de toneladas por ano quando concluído; em Angico (BA), com cerca de 150 mil toneladas por ano; e Santa Quitéria (CE), com 800 mil toneladas ao ano quando concluída.

A transação está sujeita à aprovação das autoridades e deve ser concluída no quarto trimestre deste ano.

13-05/08/2014

Segundo semestre será melhor para o setor siderúrgico, prevê CSN

Por **Stella Fontes e Renato Rostás** | De São Paulo

Após anunciar que o lucro líquido do segundo trimestre encolheu para R\$ 19 milhões, principalmente por aumento das despesas financeiras e da equivalência patrimonial negativa, a CSN reiterou metas de venda de aço e de minério no acumulado de 2014, bem como a expectativa de investir quase R\$ 2,8 bilhões no ano.

Para a direção da siderúrgica, a segunda metade do ano deverá ser "melhor" para os negócios, o que poderá resultar em melhora do resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) no quarto trimestre e redução da alavancagem financeira.

Segundo o diretor-executivo comercial, Luiz Fernando Martinez, o cenário global para o setor, neste momento, é de "competição extremamente acirrada" e de "guerra por competitividade". A expectativa, porém, é a de que o segundo semestre será melhor, em

função de sazonalidade e maior número de dias úteis. "A partir de setembro, a situação também melhora com sinais do governo e flexibilização do crédito. No geral, teremos um bom fim de ano e algumas cadeias produtivas estão em fase de recuperar estoques, que foram praticamente zerados no período."

De acordo com Martinez, a empresa continuará focada no mercado interno. "Vamos maximizar a equação preço-custo. No segundo trimestre, preferimos trabalhar no programa de redução de custos, que estamos implementado, mas as margens devem se manter nos patamares atuais", acrescentou.

Em relação aos preços do aço, a expectativa é a de estabilidade no terceiro trimestre, com prêmio do produto nacional frente ao importado entre 11% e 16%, também estável em relação aos níveis do segundo trimestre. A CSN manteve a meta de comercializar 6 milhões de toneladas de aço em 2014 e reiterou o objetivo de encerrar o ano com vendas de minério de ferro de 37 milhões de toneladas diante da expansão na mina Casa de Pedra e no Tecar, terminal portuário da CSN em Itaguaí (RJ).

De acordo com o diretor-executivo de relações com investidores da siderúrgica, David Salama, no fim do ano, a dívida líquida da companhia deverá equivaler a no máximo 2,5 vezes o Ebitda - ante 2,71 vezes no encerramento do segundo trimestre. "Isso basicamente se dá pela perspectiva de crescimento de Ebitda no último trimestre", disse o executivo, em teleconferência com analistas. "Esperamos um fim de ano melhor, o que terá reflexo no Ebitda da empresa, mas prefiro não fazer projeções [para o resultado operacional]."

A companhia reiterou ainda a expectativa de investimentos anunciada para este ano, de aproximadamente R\$ 2,8 bilhões, dos quais R\$ 1,5 bilhão para mineração, R\$ 620 milhões para siderurgia e R\$ 400 milhões para cimento. No início do ano, a direção da CSN já havia apresentado esses valores, acrescidos de R\$ 240 milhões referentes a "outros projetos".

A CSN obteve lucro de R\$ 19 milhões entre abril e junho, contra R\$ 501,9 milhões um ano antes, prejudicada pelo resultado financeiro líquido negativo de R\$ 814,9 milhões, frente a R\$ 457,8 milhões negativos no segundo trimestre de 2013, e pelo resultado de equivalência patrimonial negativo em R\$ 67,4 milhões (frente a R\$ 282,6 milhões positivos um ano antes).

A linha financeira foi influenciada sobretudo por encargos de empréstimos e financiamentos no total de R\$ 691 milhões. Já na linha da equivalência pesou uma baixa contábil referente a dividendos que já haviam sido registrados pela siderúrgica. Segundo notas explicativas que acompanharam o resultado, a Namisa, que a brasileira controla em conjunto com produtoras asiáticas de aço, decidiu destinar o lucro de 2012 para reserva de investimento e de contingências. No entanto, a parcela referente à CSN já havia sido contabilizada como provento.

Assim, no segundo trimestre a empresa teve de realizar a reversão desses dividendos e encarar uma baixa de R\$ 484,9 milhões nessa linha. A saída da Transnordestina Logística da equivalência, depois que a controlada foi cindida parcialmente em uma nova empresa, também pesou no resultado.

A receita líquida no trimestre ficou estável, com recuo de 0,2% na comparação anual, para R\$ 4,05 bilhões. Já o Ebitda ajustado avançou 19% na mesma base de comparação, para R\$ 1,3 bilhão. A CSN vendeu 20,4% menos aço (1,26 milhão de toneladas) no trimestre, em relação ao mesmo período do ano passado, mas se beneficiou dos reajustes que realizou no início do ano. A receita líquida por tonelada de aço vendido foi a R\$ 2,2 mil, aumento de 13,9% ante o mesmo período de 2013. Já as vendas de minério subiram 20%.

14-05/08/2014

Níquel – Analista prevê bons preços para o metal

De acordo com especialista do Scotiabank, o preço do níquel pode atingir valor médio de US\$ 10,75 por libra em 2015. O aumento dos preços nos últimos meses é aguardado para continuar no próximo ano. “Está tudo relacionado com a proibição na Indonésia sobre a exportação de todos os minérios contendo níquel”, disse Patricia Mohr, VP do banco.

Em 12 de janeiro, a Indonésia, maior produtora de níquel do mundo, proibiu todas as exportações de minérios contendo níquel. Dois partidos políticos dominantes do país apoiaram a proibição de dar aos produtores locais de níquel tempo para construir instalações de processamento – com a ajuda de investimentos chineses. “O minério foi essencialmente escavado na terra e embarcado a granel”, disse Mohr. “O que eles estavam recebendo, em termos de valor agregado era muito pequeno.”

Com 11 plantas de processamento programadas para construção, a Indonésia será capaz de vender o níquel processado para a China a uma taxa de retorno maior do que o seu minério sem beneficiamento. Entretanto – e isso pode levar anos antes que as plantas de processamento estejam em funcionamento – a proibição tem levado os compradores chineses a procurar outro lugar para o níquel, o que tem impulsionado os preços.

No início de 2014, os preços do níquel foram pouco mais de US\$ 6 por kg, mas eles superaram US\$ 9 por libra em maio. Em 22 de julho, o preço do níquel atingiu US\$ 8,61 por libra. Sem a proibição da Indonésia, Mohr disse que os preços do níquel teriam estagnado. “Embora a demanda de aço inoxidável esteja crescendo, provavelmente vai desacelerar na China”, disse ela.

No resto do mundo, Mohr disse que a demanda por aço inoxidável tem sido “muito fraca”. Sudbury é também um grande produtor de cobre e elementos do grupo da platina, e de acordo com Mohr, ambos permanecem lucrativos.

Fonte: Brasil Mineral

15-05/08/2014

Lago misterioso surge no deserto e intriga cientistas
Maurício Grego, de EXAME.com

Um lago misterioso a 25 km da cidade de Gafsa, na Tunísia, tem intrigado cientistas e moradores. O lago surgiu de repente no meio do deserto de Saara, num vale onde antes só havia areia, rochas e cascalho, conta o jornal britânico The Guardian.

O lago cobre uma área de 1 hectare e tem profundidade máxima estimada em 18 metros. Desde que foi descoberto por homens que atravessavam o deserto, virou área de lazer.

Todos os dias, centenas de moradores de Gafsa vão até lá para escapar do calor de 40 graus. Aproveitam para nadar e mergulhar das rochas.

Uma página no Facebook mostra fotos do local. Mas não se veem mulheres nelas. A cultura islâmica da região parece reservar essa diversão aos homens.

Para os geólogos, a explicação mais provável para a formação do lago é que um abalo sísmico tenha aberto uma brecha no leito rochoso. A água sob pressão, teria, então, subido de algum lençol subterrâneo.

Quando o lago foi descoberto, a água era transparente. Com o tempo, houve proliferação de algas e ela foi ficando esverdeada. Para os cientistas, isso indica que não há renovação da água. Se havia uma brecha que permitiu a passagem, ela se fechou.

A água parada pode servir para a incubação de micro-organismos patogênicos, o que torna arriscado banhar-se no lago. Além disso, se abalos sísmicos abrirem e fecharem a brecha, isso pode acontecer novamente. Haveria, então, o risco de a água voltar ao subsolo, possivelmente arrastando banhistas junto.

Outra preocupação é que Gafsa é um centro de mineração de fosfato. Esse mineral normalmente ocorre em depósitos radiativos. Assim, a água do lago também pode estar contaminada pela radiatividade.

Há dez dias, autoridades de Gafsa avisaram que nadar no lago pode ser perigoso. Segundo o Guardian, secretário de segurança pública local aguarda o resultado de análises que estão sendo feitas para tomar outras providências.

Mas os moradores parecem não resistir a um banho refrescante em pleno Saara. Apesar dos alertas, a popularidade do lago só aumenta, como mostra a página no Facebook.

16-05/08/2014

BMIX expande equipe operacional no Brasil

A Brasil Minerals (BMIX) ampliou sua equipe de gestão no Brasil para acomodar o crescimento de suas operações. Marc Fogassa, Chairman e CEO da BMIX, comentou: “Nós construímos uma forte equipe local com indivíduos multi-talentos. Eles estão com fome de sucesso e de trabalhar muito, o que são dois princípios básicos da nossa cultura.

Formação da equipe é fundamental e nós temos sido capazes de conseguir isto”. Carlos Henrique de Oliveira Garcia ingressou como Gerente e Armando Franz Netto Soares como Associado; Os dois estarão no escritório sede da BMIX em Belo Horizonte (MG). Robledo Delatorre Ribeiro, Diretor de Operações Brasil da BMIX, baseia-se também em Belo Horizonte e tem vasta experiência na indústria de diamantes, bem como um fundo de private equity. Eder Patrick Soares de Araujo ingressou como Gerente com um encontro no escritório satélite da BMIX em Montes Claros (MG).

Fonte: Brasil Mineral

17-05/08/2014

Seminário Direito Minerário em Criciúma

Aconteceu, na última terça-feira, dia 29/07, o Seminário Direito Minerário – Novas Tendências, realizado pelo Instituto Brasileiro de Direito Minerário – IBDM, em Criciúma/SC, que contou com a presença de vários profissionais do setor mineral de toda a região sul do país.

As palestras foram ministradas pelos professores e advogados Dr. Tiago de Mattos e Dr. Paulo Honório, líderes, respectivamente, dos Departamentos de Direito Minerário e de Tributação Mineral do escritório William Freire Advogados Associados.

O professor Paulo Honório apresentou as novas tendências sobre a CFEM, passando pelos aspectos mais polêmicos nas esferas administrativa e judicial, e os seus reflexos no Novo Marco Regulatório. Já o Dr. Tiago de Mattos abordou os aspectos gerais da Usurpação Mineral, o alto valor envolvido nas ações e o aumento do contingente de demandas no país.

Os professores trataram os temas e suas peculiaridades de forma dinâmica, apresentando suas experiências em casos concretos, o que deu ensejo a muita interação e troca de conhecimento entre os palestrantes e os participantes inscritos. <Devido ao grande sucesso do evento, a coordenação já está trabalhando para a realização de outras edições em vários locais do país, que serão anunciados em breve.

Fonte: Maria Luíza Flores – IBDM

18-06/08/2014

CSN reitera meta de vender 37 milhões de toneladas de minério no ano

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) reiterou a meta de encerrar o ano com vendas de minério de ferro de 37 milhões de toneladas no acumulado do exercício, diante da expansão na mina Casa de Pedra e no Tecar, terminal portuário da CSN em Itaguaí (RJ).

“Estamos muito tranquilos com os volumes até o fim do ano e para o ano que vem”, afirmou o diretor de mineração da companhia, Daniel dos Santos, em teleconferência com analistas. Em relação aos preços da commodity, a expectativa da empresa é de que se mantenha em torno de US\$ 100 por tonelada até o fim do ano.

Em relação ao negócio de cimento, a direção da CSN reiterou que, neste momento, está concentrada na expansão do Sistema Sudeste, ao ser questionada sobre a possibilidade de compra de ativos que venham a ser colocados à venda no processo de fusão entre Holcim e Lafarge. Segundo a CSN, se surgir uma oportunidade, ela será avaliada, “mas dentro da filosofia de se criar valor para a empresa”.

Fonte: Valor Econômico

19-06/08/2014

"Cratera do fim do mundo" alerta para efeitos da mudança climática



conhecida "cratera do fim do mundo", que se formou no norte da Sibéria e cuja imagem atraiu mais de nove milhões de visitas no YouTube, não é única e é um fenômeno natural que corrobora a mudança climática, segundo os cientistas.

"A cratera confirma que a mudança climática é real. O extraordinário é que este fenômeno, à vista natural, tenha ocorrido em um espaço de tempo tão curto, perante nossos olhos", comentou à Agência Efe Leonid Rijvanov, doutor em Geologia pela Universidade de Tomsk.

Normalmente, os fenômenos geológicos são resultado de processos de centenas ou milhares de anos, mas os "buracos negros", como também são conhecidas as crateras aparecidas na península de Jamal (que significa "Fim da Terra" em língua aborígene) são relativamente recentes.

"São consequência direta do aquecimento de nosso planeta, que provoca o derretimento dos gelo perpétuos que cobrem a tundra siberiana. Porém não é algo catastrófico, já que a Sibéria é um lugar muito sensível às mudanças", afirmou.

Rijvanov lembrou que o gelo contém gás e, quando se reduz a espessura da superfície gelada, esse gás sai disparado como se tratasse de fumarolas nas zonas vulcânicas e cria esses buracos com formas tão perfeitas, que parecem feitas pelo homem, por extraterrestres ou um meteorito, como se comenta nas redes sociais.

A famosa cratera, que se encontra a cerca de 30 quilômetros da cidade de Bovanenkovo, cativou especialistas e neófitos por seu tamanho - mais de 60 metros de diâmetro e 20 de grossura em sua boca. O fato de que perto do buraco se encontre uma das maiores jazidas de petróleo e gás da Rússia, e que seu operador seja a gigante Gazprom inquietou os ecologistas, mas a passagem dos dias parece ter acalmado os ânimos dos mais exaltados.

Uma das primeiras a chegar à região em helicóptero no dia 17 de julho foi a geóloga Marina Leibman, da Academia de Ciências da Rússia, que ficou "impressionada" com a perfeição da cratera. "Não há rastro de que algo possa ter caído do céu ou de uma explosão. O que vimos ao redor é uma tundra absolutamente virgem. Não vimos sinais de presença humana, nem lixo e nem sequer rastros de pastores de renas", disse.

"Se aproximar é perigoso, já que o gelo que forma as bordas da cratera derrete continuamente e a superfície contígua é extremamente escorregadia", relatou a geóloga. Um operador que a acompanhava conseguiu fazer um vídeo com a ajuda de uma corda, mas após 50 metros de descida nem sequer tinha alcançado o fundo do buraco, que supostamente está coberto de água.

"De maneira preliminar, se pode dizer que na cratera há uma concentração mais alta que o normal de metano, mas em um máximo de 9,8%, por isso que é muito inflamável. E os níveis de radiação também eram normais", detalhou Leibman.

Quanto às hipóteses, Leibman descarta terminantemente que o buraco tenha sido provocado por um rio subterrâneo e vincula o fenômeno com o aquecimento dos últimos anos, em particular em 2012. "O aquecimento pode ter provocado a libertação de maiores volumes de gás. As mudanças de temperatura na superfície terrestre não estão sincronizadas com as do ar", explicou.

A cientista acredita que quando essa camada de 80% de gelo perpétuo esteve mais perto da superfície do que o habitual, devido ao aquecimento, surgiu esse intrigante buraco. "Como a superfície é quase impermeável, a pressão do gás aumentou e nessa situação pôde ter ocorrido um vazamento", declarou.

Os especialistas lembraram que a temperatura do gelo perpétuo siberiano é de cerca de 10 graus abaixo de zero, enquanto o gás está a cerca de 30 graus centígrados, motivo

pelo qual essa parece a versão mais factível do fenômeno aparentemente de ficção científica.

Na mesma região de Yamalo-Nenets foi encontrado outro desses buracos, embora seu diâmetro seja menor que o do anterior, 15 metros, e no fundo do mar de Barents existem centenas deles, segundo os especialistas. A coordenadora do programa ártico do Greenpeace Rússia, Yevguenia Belakova, afirmou à Agência Efe que o metano tem um efeito estufa maior do que outros gases e que sua presença é outro fator que contribui em grande medida à mudança climática no Ártico.

No que todos estão de acordo é na necessidade de enviar uma expedição científica permanente para estudar a região - já que poderia haver "bolsas de gás", que seriam muito perigosas se forem detectadas em zonas habitadas ou jazidas de hidrocarbonetos - , a fim de prever a formação destes buracos negros.

20-06/08/2014

Aécio diz que país precisa de marco regulatório para ferrovias e mineração



BRASÍLIA (Reuters) - O candidato do PSDB à Presidência, Aécio Neves, voltou a dizer nesta terça-feira que o Brasil precisa de novos marcos regulatórios para atrair investidores em infraestrutura e citou mudanças no setor ferroviário e de mineração caso seja eleito.

“O setor ferroviário, por exemplo, não conseguiu avançar para atrair investimentos. No setor mineral, o governo promete há oito anos enviar ao Congresso e não o fez. Nós vamos resgatar as agências reguladoras como instrumentos da sociedade brasileira”, disse o tucano a jornalistas na saída de um encontro com profissionais da saúde na Associação dos Médicos de Brasília.

Ele não deu detalhes sobre as mudanças que pretende fazer.

O governo enviou uma proposta para o setor de mineração no ano passado ao Congresso, que ainda não concluiu a análise da proposta.

Aécio voltou a dizer que criará, caso eleito, o Ministério da Infraestrutura para dar mais agilidade aos investimentos nesse setor, em especial “em ferrovias e hidrovias”.

O tucano indicou ainda que pode acabar com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), principal ação dos governos petistas para fazer investimentos em obras públicas

e cuja a terceira versão será lançada pela presidente Dilma Rousseff (PT), e será usada como uma das bandeiras da sua campanha à reeleição.

“O meu ministério (da Infraestrutura) não estará preocupado com marcas e slogan”, disse. “O que eu quero é resultado. O PAC é um conjunto de investimentos, alguns iniciados, alguns poucos concluídos e grande parte deles pelo meio do caminho e até abandonados”, criticou Aécio.

“O governo da presidente Dilma achou que o Estado poderia fazer solitariamente todos os investimentos necessários para a retomada do crescimento no Brasil. Não pode”, prosseguiu.

SAÚDE

O candidato voltou a criticar a gestão do PT na saúde e disse que o governo vive de medidas de improviso e citou como exemplo dessas medidas o programa Mais Médicos.

“Os cubanos têm prazo de validade, ficarão aqui por três anos”, disse ao ser questionado sobre o programa do governo, que é sustentado principalmente com profissionais de Cuba.

“O que eu pretendo é que não haja necessidade de médicos estrangeiros... Se houver necessidade de médicos estrangeiros, que seja uma questão lateral e não central”, afirmou Aécio, que tem dito que não acabaria com o Mais Médicos se for eleito.

O tucano prometeu ainda que criará cerca de 500 centros de atendimentos especializados no país.

“Nosso programa vai propor a criação de alguma coisa em torno de 500 unidades regionais, onde o cidadão chega e é atendido pelo médico especializado, é encaminhado, a partir do diagnóstico, ao exame e recebe o medicamento”, afirmou.

(Reportagem de Jeferson Ribeiro)

21-06/08/2014

Diamante de 198 quilates é encontrado em mina no Lesoto



Um diamante branco de 198 quilates de excelente qualidade foi encontrado no Lesoto, anunciou a empresa de mineração Gem Diamonds nesta terça-feira.

A pedra foi encontrada na mina Letseng, nas montanhas Maluti, no norte do reino, em julho, declarou a empresa em um comunicado.

"Este diamante branco excepcional, de alta qualidade, não tem nenhuma fluorescência e deve alcançar um preço excepcional quando for colocado à venda neste ano", segundo a companhia.

A mina de Letseng, situada nas montanhas de Lesotho a 3.100 metros de altura, produziu cinco dos maiores diamantes extraídos, segundo a Gem Diamonds. Em 2011 foi extraída uma pedra de 550 quilates.

A Gem Diamonds, que abre uma mina em Botsuana neste ano, tem uma participação de 70% na Letseng desde 2006, enquanto os 30% restantes estão nas mãos do governo de Lesotho.

22-06/08/2014

Yara compra 60% da Galvani por US\$ 318 mi

Por **Carine Ferreira** | De São Paulo

A multinacional norueguesa Yara deu mais um passo importante para fortalecer sua operação no Brasil. Depois de formalizar, no ano passado, a aquisição dos negócios de distribuição de fertilizantes da Bunge no país, a empresa anunciou ontem que fechou acordo para adquirir 60% da brasileira Galvani, por US\$ 318 milhões. Com o negócio, a companhia "entra" na produção integrada de fertilizantes fosfatados.

Segundo o acordo, US\$ 132 milhões se referem aos negócios existentes e US\$ 186 milhões a projetos de mineração e produção da Galvani. O montante poderá ser ajustado por alguma variação do capital de giro normalizado no momento da conclusão do negócio. A transação depende da aprovação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e sua conclusão está prevista para o quarto trimestre.

Já líder em vendas de fertilizantes ao consumidor final no país, com 25% de participação (8 milhões de toneladas por ano), a Yara produz cerca de 1 milhão de toneladas de fertilizantes fosfatados por ano, o mesmo volume da Galvani. A receita da Yara no país no ano passado foi de R\$ 5,6 bilhões, quase 50% a mais em relação a 2012.

Com três unidades de produção de fosfatados na região Sul, hoje abastecidas com rocha fosfática e ácido fosfórico importados (usados na fabricação dos adubos fosfatados), a Yara está presente nos principais polos de produção agrícola brasileiros com 32 unidades misturadoras e um centro de distribuição.

Já a Galvani tem dois complexos industriais (em Paulínia-SP e Luís Eduardo Magalhães-BA), três minas de fosfato (em Lagamar-MG, Angico dos Dias-BA e Irecê-BA), além de um terminal portuário em Fortaleza (CE) e duas unidades de distribuição (em Alto Araguaia -MT e Maruim-SE). No ano passado, o faturamento da empresa foi de R\$ 834 milhões, 4% superior a 2012.

A Yara é marcadamente uma produtora global de adubos nitrogenados, mas, no Brasil, o uso de nitrogênio é cerca de 50% menor que em outros grandes produtores agrícolas, por causa da forte participação da soja, que demanda menos esse nutriente. Mas o país precisa mais de potássio e fosfato, explica Lair Hanzen, presidente da Yara Brasil. Dessa forma, a Yara, com o acordo com a Galvani, terá acesso a uma produção integrada desde a mineração da rocha até a produção de adubos fosfatados em regiões de expressivo crescimento agrícola, como o Centro-Norte e o Nordeste, de acordo com Hanzen. "É muito mais o que representa no futuro do que agora", afirma o executivo sobre o negócio.

Os projetos da Galvani, alguns greenfield e outros de ampliação, deverão possibilitar o incremento de produção de rocha fosfática da empresa das atuais 500 mil toneladas para 2,55 milhões de toneladas. E a produção de fertilizantes fosfatados poderá saltar de 1 milhão para até 4 milhões de toneladas, diz Rodolfo Galvani Júnior, presidente do conselho de administração da Galvani. Os principais projetos da companhia estão localizados em Salitre (MG), Angico (BA) e Santa Quitéria (CE).

Conforme informou o **Valor** em março, a Galvani procurava parceiros para levar adiante esses projetos, cujos investimentos são estimados em US\$ 920 milhões. "Estamos muito felizes com esse acordo. A Yara é um parceiro ideal. A parte financeira [dos projetos] fica melhor equacionada", diz Galvani Júnior.

Os projetos da Galvani deverão ser concluídos em três a cinco anos. A Yara se compromete a apoiá-los, mas não significa que colocará todos os recursos, lembra Hanzen. Ele enfatiza que as duas empresas vão continuar trabalhando de forma independente.

Hanzen também diz que a Yara busca balancear melhor a equação distribuição/produção. A companhia distribui 8 milhões de toneladas no Brasil, mas produz apenas 1 milhão. A ideia é aumentar a produção, mas ainda não há uma estimativa de quanto poderá crescer a partir do acordo com a Galvani. Globalmente, a Yara produz volume muito pequeno de ácido fosfórico, cerca de 300 mil toneladas. Assim, com a Galvani, a operação brasileira de fosfatados será a maior para a múlti, conta Hanzen.

Galvani Júnior lembra que nos últimos dez anos as importações brasileiras de fertilizantes aumentaram 85%, enquanto a produção nacional desses produtos subiu apenas 26% e o consumo cresceu 52%. Os números mostram a necessidade de o Brasil

não aumentar sua dependência por compras do exterior, hoje em torno de 70% da demanda doméstica.

O acordo entre as duas companhias deverá permitir, também, o desenvolvimento de produtos mais adequados ao clima e ao solo do país, com formulações específicas para cada região de produção.

A Yara chegou ao Brasil na década de 1970, com uma participação inferior a 1% no mercado doméstico. A fatia saltou para 8% com a aquisição da Adubos Trevo e para 10% em 2006, com a compra da Fertibras. Em 2013, passou a 25% após a aquisição dos negócios da Bunge. **(Colaborou Fernanda Pressinott)**

23-06/08/2014

Mineradoras se adaptam aos preços mais baixos

Por **Francisco Góes | Do Rio**

No atual patamar de preços, mineradoras focam no aumento da produção e na redução de custos. O minério de ferro vive uma nova realidade, com preços perto dos US\$ 100 por tonelada, e nesse patamar menos exuberante mineradoras globais como Vale, Rio Tinto e BHP trabalham para aumentar a produção e reduzir custos.

"As grandes mineradoras acreditam fortemente em que, aumentando a produção a custos mais baixos, garantem o fluxo de caixa para as operações e conseguem preservar o Ebitda [lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização], apesar dos preços mais baixos", disse Ronaldo Valiño, sócio e líder em mineração da consultoria PwC Brasil.

No primeiro semestre, o acréscimo de produção no mercado internacional de minério surpreendeu as estimativas da Vale em cerca de 20 milhões de toneladas. A empresa estimou crescimento de 120 milhões de toneladas no chamado mercado transoceânico de minério. Mas o acréscimo ficou mais próximo de 140 milhões de toneladas, das quais 93 milhões de toneladas foram absorvidas pelo mercado, disse, na semana passada, o diretor-executivo de ferrosos e estratégia da Vale, José Carlos Martins, durante teleconferência.

A previsão de Martins é de que no segundo semestre do ano o aumento de oferta seja menor, na faixa dos 50 milhões de toneladas de minério de ferro. Para 2015, a empresa estima um volume adicional de 100 milhões de toneladas.

Mas se até agora, em 2014, o acréscimo foi determinado sobretudo por projetos em fase de crescimento da produção na Austrália, no ano que vem a principal fonte de aumento da oferta será do Brasil e, em especial, da Vale.

A mineradora espera chegar ao fim de 2015 operando no limite de sua capacidade em Carajás, no Pará, com volume de 150 milhões de toneladas de minério por ano. No sistema Sudeste, em Minas Gerais, ela desenvolve o projeto Conceição Itabirito II que vai adicionar capacidade líquida de 19 milhões de toneladas de minério por ano. O projeto tem previsão de início da produção no primeiro semestre de 2015.

A Vale acredita que poderá haver um maior equilíbrio entre oferta e demanda e, como resultado, a recuperação nos preços da commodity a partir deste semestre. "Estamos moderadamente otimistas quanto a preço, mas otimistas quanto à capacidade de ganhar margem por ampliação de volume e redução de custos por entrada de novos projetos", disse Martins.

No primeiro semestre, a demanda foi mais fraca do que a prevista pela mineradora brasileira, que esperava crescimento maior na produção de aço. Mas esse movimento das siderúrgicas não se confirmou nem no Ocidente, nem na China, o principal consumidor mundial de minério de ferro, matéria-prima para a produção de aço.

A avaliação da Vale é que nos próximos dois anos a demanda terá de alcançar essa grande oferta de produto que entrou no mercado. Nesse cenário, a China conta muito. E a empresa continua otimista com o mercado chinês, apesar de previsões conversadoras sobre os problemas da economia do país, apontadas por instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI). Mas a situação será mais favorável se houver recuperação em outros mercados, incluindo Europa e Estados Unidos.

"Cada vez mais teremos de olhar menos para preço e mais para a capacidade de administrar volumes e redução de custos, nos quais temos grande potencial para melhoria dos resultados", disse Martins.

Valiño, da PwC, afirmou que o segundo semestre do ano é sempre um período melhor de vendas de minério até porque alguns mercados antecipam as compras em função do inverno no hemisfério norte. Ele acredita que o mercado continuará a registrar aumento de produção de minério de ferro.

"Quando aumenta a produção, sobretudo em projetos brownfield [expansões], as empresas reduzem custo fixo e conseguem um custo por tonelada mais baixo. E assim aumentam o Ebitda e, por consequência, garantem uma lucratividade maior", disse o consultor da PwC.

Valiño confia em um cenário de preços melhor neste semestre, com as cotações do minério em torno dos US\$ 100 por tonelada. Ele afirmou que o minério, mesmo nos patamares atuais, continua a ser um bom negócio. "Mesmo nesse novo momento [de preços mais baixos], as grandes mineradoras conseguem entregar o prometido aos acionistas."

24-06/08/2014

Minério ainda garante boas margens para siderúrgicas

Por **Olivia Alonso | De São Paulo**

O patamar de preço mais baixo do minério de ferro pesou nos resultados das siderúrgicas brasileiras no segundo trimestre. De abril a junho deste ano, a cotação média da matéria-prima do aço foi 18% menor do que nos mesmos meses de 2013, o que derrubou as receitas das empresas com a mineração.

Quando o preço do minério está alto, é difícil não justificar o investimento na produção interna da matéria-prima. Mas quando o preço cai, ganham mais força os questionamentos sobre as vantagens da verticalização. No segundo trimestre deste ano, nota-se que, mesmo com um nível de preços muito inferior, a mineração continua ajudando a elevar as margens consolidadas das siderúrgicas.

Usiminas e Gerdau, que divulgaram seus resultados nas últimas semanas, têm capacidades de produção de 12 milhões e de 11,5 milhões de toneladas anuais, respectivamente. Mais do que para o consumo próprio, produzem para terceiros e têm planos de continuar a aumentar suas operações de mineração.

De abril a junho, a Usiminas vendeu 1,5 milhão de toneladas de minério, 17% menos do que no mesmo período do ano passado, justamente porque a queda do preço desfavoreceu as exportações. Em seu balanço, a empresa disse que a receita líquida do negócio de mineração caiu 41%, para R\$ 203 milhões, por causa da redução de 66% do valor das exportações com o recuo do preço da commodity no mercado internacional - de 15% no seu caso - e por causa da variação cambial de 6%.

Ainda assim, a companhia teve margem Ebitda de 33% com o negócio de mineração no trimestre. Muito abaixo da margem do mesmo período de 2013, de 51%, mas bem acima da margem do negócio de siderurgia, de 16%. Com isso, teve uma margem consolidada de 21%.

No terceiro trimestre deste ano, a história deverá se repetir. Até sexta-feira, o preço médio do minério de ferro no mercado à vista da China estava em US\$ 96 por tonelada, considerando o comportamento dos valores desde o início de julho. Caso fique neste patamar até o fim de setembro, o preço do minério será 28% inferior ao do mesmo período do ano passado, quando ficou em US\$ 133 por tonelada, em média.

Ainda falta pouco menos de dois meses para o trimestre acabar, mas as estimativas dos analistas do setor não são de uma grande mudança na cotação.

Desde o início do ano, o preço minério de ferro caiu 29%, como consequência do aumento de produção global, principalmente no Brasil e na Austrália. Analistas calculam um adicional de cerca de 180 milhões de toneladas neste ano e 130 milhões de toneladas em 2015. Para as exportações globais deste ano, esperam um aumento de cerca de 15% em relação a 2013.

Por outro lado, uma queda mais expressiva do preço é limitada pelo alto custo de produção de diversas companhias, principalmente chinesas, que são obrigadas a encerrar suas operações quando o minério fica abaixo de US\$ 90 por tonelada. Esse não é o caso das brasileiras, que costumam ter baixos custos e minérios de boas qualidades.

No caso da Gerdau, a receita de vendas de minério de ferro cresceu em relação ao segundo trimestre do ano passado, mas somente porque a empresa deu início, em setembro, às operações de uma nova unidade em Minas Gerais. A companhia teve uma receita líquida de R\$ 216 milhões com mineração, 74% acima do valor obtido um ano antes. Mas a produção cresceu mais do que isso, 89%, o que mostra o efeito do preço mais baixo nas contas das vendas.

Na comparação com o primeiro trimestre do ano, as receitas da Gerdau com vendas de minério caíram 32% no intervalo de abril a junho deste ano. A companhia teve no período uma margem Ebitda de 24,5% com o negócio de mineração, muito superior às de siderurgia no Brasil e no restante das Américas. A margem Ebitda consolidada fechou em 11,2%.

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) divulgou segunda-feira o seu balanço do segundo trimestre. A empresa informou que o volume vendido de produtos acabados de minério de ferro atingiu 7,2 milhões de toneladas, crescimento de 20% em um ano. O Ebitda ajustado da mineração fechou o período em R\$ 442 milhões, 11% acima do resultado do mesmo trimestre de 2013, com margem Ebitda ajustada foi de 39%, ante 28% da divisão de siderurgia e 30% do resultado consolidado.

25-06/08/2014

Paranapanema tem o desafio de recuperar a confiança do mercado

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

A fabricante de catodos e produtos de cobre Paranapanema teve uma primeira metade de ano difícil e tem pela frente o desafio de elevar o ritmo de produção, ganhar novos mercados, melhorar seus resultados e, com isso, reconquistar os investidores. No segundo trimestre, uma parada não programada de produção teve impacto significativo em suas vendas, em um momento de pouca expansão do mercado brasileiro de cobre e de grande competitividade no setor.

Com isso, a companhia teve uma queda de 16% em sua receita líquida na comparação com o segundo trimestre do ano passado e terminou junho com prejuízo trimestral de R\$ 72 milhões, acima dos R\$ 12 milhões negativos um ano antes. Christophe Malik Akli, presidente da empresa, disse durante teleconferência na sexta-feira que as paradas não programadas afetaram em cerca de 20 mil toneladas o volume da produção de catodos de cobre (cobre primário) em Dias D'Ávila (BA), com um impacto de cerca de R\$ 400 milhões no faturamento.

As paradas não tiveram relação com as ampliações feitas nos últimos anos. Investimentos de R\$ 330 milhões na mudança da tecnologia ampliaram a capacidade de produção anual de 215 mil toneladas no início de 2012 para 280 mil toneladas. No segundo trimestre, porém, a empresa produziu 56 mil toneladas, o que significa um ritmo de 224 mil toneladas anuais. A companhia também vem enfrentando dificuldade para elevar suas vendas de produtos de cobre no Brasil, onde se depara com forte concorrência de empresas como Termomecanica e Ibrame.

Questionado por um investidor sobre a queda das receitas, mesmo em um momento de aumento de consumo de cobre no mundo e no Brasil, o presidente afirmou, na mesma teleconferência, que a Paranapanema já identificou os problemas na unidade da Bahia e que está "trabalhando para corrigí-los". Na área de produtos de cobre, disse que o mercado esteve difícil por causa de uma queda "da atividade brasileira" e da retração da demanda por tubos para ar condicionado por causa do inverno. Segundo Akli, a empresa tenta compensar o problema buscando clientes no exterior. "Vamos ter de exportar bastante", disse.

Diferentemente do que pretendia, a Paranapanema não tem conseguido vender tubos de cobre para fabricantes de ar condicionado de Manaus (AM). Após investimentos de R\$ 150 milhões, inaugurou no ano passado uma unidade em seu complexo de Utinga, em Santo André (SP), para produzir 30 mil toneladas ao ano. Seus planos eram de atingir a capacidade plena em 2014. Atualmente, a unidade está produzindo a um ritmo de 1,4 mil toneladas mensais (ou 16,8 mil toneladas ao ano), segundo Akli, que confirma a meta de atingir 2,5 mil toneladas mensais.

Além dos resultados mais fracos e da demora para o retorno esperado dos investimentos, a Paranapanema vê suas ações desabarem na bolsa de valores. De R\$ 4,30 há um ano, os papéis fecharam em R\$ 2,47 ontem. Para um analista que acompanha o setor, as ações têm refletido um desapontamento dos investidores com os resultados, com as operações e com uma falta de clareza na divulgação de seus planos e de seus números. Mudanças recentes no conselho de administração da empresa, na visão do analista, não influenciam as ações.

Com três presidentes nos últimos três anos - Luiz Antônio Queiroz Ferraz Júnior, que foi sucedido por Edson Monteiro, como interino, em janeiro do ano passado; e Akli, a partir de outubro de 2013 - a companhia em alguns momentos transmitiu uma percepção de falta de continuidade em relação aos seus projetos. É o caso da nova unidade de laminados que seria em São Mateus (ES) e ainda está sem definição, após uma baixa contábil de R\$ 24 milhões referente a equipamentos comprados no passado da Polônia. Agora, com uma forte redução do plano de investimentos para o ano - de R\$ 194 milhões para cerca de metade deste valor - Akli também deixou para uma oportunidade futura o projeto de metais preciosos que, conforme anunciado antes, teria aporte de R\$ 30 milhões.

26-06/08/2014

LARGO CONCLUI PRIMEIRA PRODUÇÃO EM VANÁDIO DE MARACÁS

A Largo Resources concluiu, no último sábado (2), a primeira produção de pentóxido de vanádio no projeto Vanádio de Maracás, na Bahia. Segundo comunicado enviado ao mercado ontem (5), o material foi testado no laboratório do projeto visando atender todas as especificações exigidas nos acordos de pré-venda (off-take) firmados com a Glencore. De acordo com a mineradora, a expectativa é que os volumes de produção aumentem

progressivamente ao longo dos próximos meses. O objetivo da empresa é alcançar capacidade nominal de 9,6 mil toneladas por mês na primeira fase do projeto ou até o 12º mês após o início das operações.

Segundo o presidente e CEO da Largo, Mark Brennan, a primeira produção em Maracás é o marco mais importante na história da Largo. “A Largo tem potencial para se tornar líder do mercado de vanádio no curto prazo”, disse o CEO.

Brennan afirmou ainda que o início da produção em Maracás marca um período de crescimento substancial para a empresa. “Eu gostaria de ressaltar como é difícil para uma mineradora financiar, construir e operar com sucesso um projeto, como a Largo fez agora. Espero que nossos acionistas e potenciais parceiros de mercado reconheçam o trabalho da equipe técnica da Largo, que conseguiu este feito importante”, disse.

“Acredito que, a medida que aumentarmos a produção em Maracás e começarmos a gerar forte fluxo de caixa, a Largo terá uma oportunidade única de se estabelecer como produtora de vanádio e ganhar exposição no mercado”, afirmou o CEO.

Em julho, a mineradora informou que o Capex final da construção de Vanádio de Maracás ficou determinado em US\$ 241 milhões. O valor é 2,5% maior que o previsto na avaliação econômica preliminar do projeto em 2013, de US\$ 235 milhões.

“Nós pensamos que é excepcional a construção de um projeto de mineração ter custado um valor tão próximo daquele que foi estimado, especialmente considerando os atrasos que nós encontramos na montagem do forno. Foi uma realização louvável”, disse Brennan, na época.

A Largo Resources é uma empresa de desenvolvimento de pesquisa e exploração mineral com enfoque em metais estratégicos. No Brasil, além do projeto de vanádio, a empresa tem 100% de participação em um projeto de titânio e ferro vanádio em Campo Alegre de Lourdes, também na Bahia, e do projeto de tungstênio Currais Novos, no Rio Grande do Norte.

27-06/08/2014

COPELMI RECEBE PORTARIA DE LAVRA PARA CARVÃO MINERAL

A Copelmi Mineração recebeu, na última sexta-feira (1), a concessão de lavra de mais uma área para carvão mineral no Rio Grande do Sul. A portaria, publicada na última segunda-feira (4), vai permitir que a mineradora produza 240 mil toneladas de minério bruto (ROM) durante sete anos, relativo a reserva lavrável de 1.646.070 toneladas.

A empresa recebeu outorga para explorar área de 299,06 hectares, no Município de Arroio dos Ratos, no Rio Grande do Sul.

A Copelmi tem cerca de 70 requerimentos, autorizações de pesquisa e concessões de lavra. Somente para carvão mineral, são 49 processos, incluindo 25 portarias de lavra. Os demais processos são para areia, calcário, rochas, argila e hidróxido de ferro. Os dados contam do website Jazida.com.

A portaria, assinada pelo ministro-interino de Minas e Energia, Márcio Pereira Zimmermann, diz que a outorga de concessão de lavra fica condicionada à reserva medida de 645.620 toneladas de minério bruto, do Relatório Final de Pesquisa, e ao cumprimento da produção anual prevista de 240 mil toneladas de minério bruto (ROM), por uma vida útil de sete anos, de acordo com o Plano de Aproveitamento Econômico (PAE), aprovado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

De acordo com o termo de compromisso, a ser assinado pela mineradora, “qualquer alteração de especificações e metas do Plano de Aproveitamento Econômico da Jazida ficarão submetidos à avaliação e à aprovação do DNPM, para, posteriormente, serem objeto de nova Portaria Ministerial autorizando sua efetiva implementação.”

A Copelmi é uma empresa nacional, considerada a maior mineradora privada de carvão no país, com 80% do mercado industrial e 18% do total do mercado de carvão mineral nacional. A empresa tem escritórios em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, e minas em Butiá, Charqueadas e Cachoeira do Sul, todas no Rio Grande do Sul.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

28-06/08/2014

Riacho dos Machados produz 10.671 onças de ouro

Por Marcelo Villela, agosto 7th, 2014, 4:08 - [LINK PERMANENTE](#)

« voltar para casa

A mina Riacho dos Machados da junior canadense Carpathian Gold produziu, desde o reinício das operações até junho 10.671 onças de ouro a uma média de 1,32g/t. No mesmo período foram produzidas 3.441 onças de prata. Em junho a mina processou 119.560 toneladas de minério com o teor médio de 1,30g/t Au, o que corresponde a 56% de sua capacidade.

As ações da Carpathian sobem 50% somente hoje. É a esperada recuperação do que a mineradora havia perdido quando as suas ações deixaram de ser negociadas em bolsa.

Fonte: www.geologo.com.br

29-07/08/2014

Norueguesa compra 60% da Galvani

Por Marcelo Villela, agosto 7th, 2014, 6:01 - [LINK PERMANENTE](#)

« voltar para casa »

A Galvani é uma mineradora brasileira que atua na área dos fertilizantes fosfatados. Ela está vendendo o controle para a norueguesa Yara International. Segundo a Yara a compra de 60% da Galvani sairá por US\$318 milhões.

A Galvani produz 1 milhão de toneladas de rocha fosfática por ano a partir de suas minas de Lagamar, Angico Dias e Irecê.

Os principais projetos da Galvani são:

- Salitre em Minas com produção de 1,2 milhões de toneladas de rocha fosfática por ano.
- Angico (BA): 150.000t/ano
- Santa Quitéria (CE): 800.000t/ano

30-07/08/2014

Mina promete tirar cidade do vermelho

Por Marcelo Villela, agosto 7th, 2014, 6:03 - [LINK PERMANENTE](#)

« voltar para casa »

Reativação da Baratinha deve gerar 320 vagas diretas no município com o pior indicador de emprego do estado

Fechada desde a década de 1980, a antiga mina Baratinha, na área rural de Antônio Dias, a 180 quilômetros de Belo Horizonte, será reativada com a possibilidade de produzir 2 milhões de toneladas anuais de concentrado de minério de ferro, o sinter feed de alta qualidade (66,1%), desta vez pela GO4 Participações e Empreendimentos S.A., do grupo Bemisa (sigla para Brasil Exploração Mineral S.A.) – a antiga proprietária foi a Extramil. O empreendedor não revelou o valor do aporte, contudo, o recurso deverá gerar 320 empregos diretos e 800 indiretos, retirando a cidade mais antiga do Vale do Aço do topo de uma lista nada agradável: o saldo anual de empregos no município está no vermelho desde 2008.

Antônio Dias é a única cidade do estado em que isso ocorreu. Para se ter ideia, segundo balanço do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), os postos de trabalho em Antônio Dias ficaram negativos em 2013 (-394 vagas), 2012 (-15), 2011 (-15), 2010 (-34), 2009 (-53) e 2008 (-57). “Agora vai faltar mão de obra na cidade”, comemora Denner Franco Reis, procurador-geral do município. A mina, geograficamente, está mais próxima de Timóteo do que de Antônio Dias, o que poderia levar a Bemisa a contratar colaboradores na cidade vizinha.

Porém, para se beneficiar de uma lei de Antônio Dias que diminuiu a alíquota do Imposto sobre Serviço (ISS) de 5% para 2,8%, a empresa precisa contratar funcionários na cidade. “Seria mais fácil contratar em outros municípios, como Timóteo, em razão de o transporte ser mais fácil. A Bemisa tem (com a prefeitura) um protocolo de intenções e uma das cláusulas é a qualificação profissional”, completou o procurador-geral. Ele próprio é natural de outra cidade: Ipaba, a 80 quilômetros de lá.

A história da mineração se confunde com a de Antônio Dias. O nome da cidade é uma homenagem ao bandeirante que fundou o lugarejo, hoje com cerca de 10 mil moradores, e também a histórica Ouro Preto. Antônio Dias fundou o município homônimo em 1706 – ele e outros homens exploraram o local em busca de pepitas de ouro. Hoje, o minério de ferro promete ser o salvador da cidade.

META: Estudo da Bemisa concluiu que, a partir de 2015, a mina terá capacidade anual de produzir 2 milhões de toneladas de minério pelo método de lavra a céu aberto. Inicialmente, porém, a produção será em torno de 300 mil toneladas por ano. Vale lembrar que a mina está próxima a importantes players siderúrgicos do país.

Segundo a Bemisa, “pesquisas geológicas (realizadas em 2013) indicam que a área com ocorrência de minério de qualidade e quantidade chega a 72,67 hectares”. Ainda de acordo com a empresa, “os recursos minerais foram certificados em 27,3 milhões de toneladas de hematitas compactas e itabiritos apropriados para produção de sinter feed de alta qualidade e baixos níveis de contaminantes”.

O projeto de reativação da mina inclui obras como a construção de um posto de combustíveis para a frota da empresa e uma unidade de tratamento da commodity. O empreendimento também prevê a abertura de uma estrada de 5 quilômetros de extensão, que, na prática, seria um atalho para que os caminhões cheguem à BR-381.

Fonte: www.em.com.br

31-07/08/2014

BHP EXTRAÍ VOLUME RECORDE EM DOZE MESES

A BHP Billiton extrai 225 milhões t de minério de ferro nos últimos doze meses encerrados em julho, 4% a mais que no período anterior de igual abrangência e um novo

volume recorde. A expectativa é que a produção cresça ainda mais no próximo ano.

A BHP informou que manterá suas atenções voltadas para a melhoria de produtividade e venda de ativos considerados não essenciais, quase dois anos após começar a cortar custos e depois de uma década de muitos investimentos. Com o aumento em Pilbara, na Austrália, a projeção para o próximo exercício é de 245 milhões t de minério de ferro.

Fonte: Brasil Mineral

32-07/08/2014

MINA DE GRANITO ORNAMENTAL USA REJEITO PARA PRODUZIR AGREGADOS

A Marbrasa investiu mais de R\$ 4 milhões para o aproveitamento do rejeito na mina de granito ornamental Preto São Gabriel, em Colatina (ES). Segundo a empresa, o projeto Ecobrita redireciona o volume de pedra, com características não compatíveis com as exigências do mercado de granito ornamental, para a produção de brita.

De acordo com o gerente geral da empresa, Celmo de Freitas, mais de 60 mil metros cúbicos, que seriam descartados como rejeito, já foram reaproveitados comercialmente como brita para construção civil. “O que seria resíduo, se torna matéria prima para o mercado de brita. Assim prolongamos a vida útil da área de rejeito de Preto São Gabriel e reduzimos os impactos ambientais”, disse Freitas, em entrevista ao NMB.

O britador, com capacidade de produção de 40 mil m³/mês, foi instalado em parceria com a empresa Concreto Colatina, do Grupo Borlini, que é responsável pela produção e comercialização da brita, a partir do rejeito de Preto São Gabriel.

Segundo o gerente, a operação encontra-se em fase inicial, mas demonstra resultados positivos, que terão mais consistência de dados a partir do final deste ano.

O Ecobrita foi idealizado em 2010, devido ao grande volume de granito não aproveitado, oriundo das trincas naturais do maciço rochoso dos processos de lavra. As características geológicas específicas de Preto São Gabriel, como sua dureza, permitem o seu reaproveitamento como brita, segundo afirmou Freitas.

Os resultados da caracterização da rocha de Preto São Gabriel, feita pelo Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), mostraram que o material tem como diferencial alta resistência à compressão, sendo possível o aproveitamento como agregado.

A capacidade anual de produção da mina de Preto São Gabriel é de 48 mil metros cúbicos, sendo que 20% do material desmontado na lavra são aproveitados pela empresa

para comercialização, segundo afirmou o gerente geral da empresa.

A Marbrasa é uma empresa do grupo Itapermerim e está há quase 45 anos no mercado de mármore e granitos. Com 752 funcionários, exporta para Estados Unidos, Colômbia, Peru, Argentina, Itália, Panamá, Costa Rica, República Dominicana e Taiwan. A empresa possui ainda um escritório na China, desde 2008. No Brasil, a companhia tem seus principais clientes no Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás e Pernambuco.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

33-07/08/2014

VALE FALA DE INVESTIMENTOS EM MINAS GERAIS NA EQUIPO MINING

Feira, que vai até sexta-feira (8), no Mega Space, em Santa Luzia, apresenta ainda as maiores máquinas do mundo utilizadas na mineração, com direito a test drive em alguns equipamentos

As maiores máquinas utilizadas na indústria da mineração estão entre os destaques da Equipo Mining 2014, única feira de demonstração ao vivo de mineração e processamento mineral da América Latina. O 2º dia do evento, que vai até sexta, no Mega Space, em Santa Luzia, na RMBH, foi marcado também pelo Ciclo de Palestras “Investimentos em novos projetos e expansões das 200 Maiores Minas Brasileiras. “A expectativa de crescimento do consumo de aço, até 2017, é de 33%. Observamos que há um espaço ainda muito grande a ser explorado na China, maior país produtor de automóveis do mundo. Entretanto, o percentual de carros ainda é muito baixo”, disse Charles Valadão, gerente técnico de Tecnologia de Ferrosos da Vale.

Segundo Valadão, que apresentou nesta quarta-feira a palestra “Investimentos da Vale em Minas Gerais”, a mineradora prevê investimentos para os próximos anos, já que o consumo de minério da China se manterá em constante crescimento. As maiores reservas de minério estão situadas no Brasil e na Austrália, que produziram cerca de 81% do volume transoceânico, em 2013. Ao todo, foram produzidas cerca de 65 bilhões de toneladas. O Brasil apresenta como principal desvantagem competitiva a distância em relação à China.

Ele destacou ainda que uma das estratégias da Vale para amenizar esse entrave são investimentos em navios com capacidade de 400 mil toneladas para distribuição de minério de ferro. “Minas Gerais e Pará contribuem com mais de 95% da produção de minério no Brasil. A Vale opera em quatro sistemas, compostos por minas, usinas, ferrovias e portos. São 24 minas de minério de ferro, onde foram produzidos 306

milhões de toneladas em 2013”, destaca.

Investimentos

Entre 2000 e 2012, o aumento da capacidade produtiva se deu através da aquisição de mineradoras no Quadrilátero Ferrífero. Para o futuro, Valadão prevê crescimento fortemente apoiado na Região Norte (Pará). “Entre 2014 a 2018, a Vale projeta um crescimento de 9% na sua produção de minério de ferro. Para este ano, já estão aprovados U\$\$ 989 milhões em projetos em itabiritos”, anuncia.

Palestras desta quinta-feira

O Pannel de Palestras desta quinta-feira (07/08) destaca o tema “Tecnologia de Equipamentos de Lavra e Processos – Cases de sucesso”. Dentre as palestras de destaque estão: “Lavador robotizado de caminhões e equipamentos de mineração”, às 14h10, com Emerson Balbino, da Vale; “Redução no custo da produção e aumento de durabilidade de telas utilizando o novo conceito Pro-Deck”, às 14h30, com o gerente de vendas da Haver & Boecker Latinoamericana, Dario Abelho; “Geometalurgia - Integrando Mina e Beneficiamento para aumento de Produtividade”, às 14h45, com a participação da Votorantim Metais; e o projeto Biodiesel da Vale também é tema de palestra, às 17h50.

Máquinas de ponta

Mover toneladas de terra, moer rochas e envergar vigas de aço é tarefa para super heróis, certo? Nada disso. A engenhosidade humana cria máquinas cada vez maiores e poderosas para as tarefas mais pesadas nas indústrias de mineração, de metalurgia e da construção civil.

As maiores máquinas do planeta utilizadas nesses setores podem ser vistas em plena operação na Equipe Mining.

Além disso, o visitante ainda participa de test drive em alguns desses equipamentos. É essencial possuir carteira de habilitação e o visitante é acompanhado de um instrutor. Dentre as máquinas utilizadas no setor de mineração, estão alguns destaques como o Actros 4844K, da Mercedes-Benz do Brasil, um dos maiores caminhões do país; o trator 850J da John Deere, distribuído pela Inova Máquinas, compacto, mas poderoso e com alta tecnologia; o “comedor de pedras” 1000 Maxtrak da Powerscreen, distribuído pela Simplex e a maior pá carregadeira do Brasil, a LW1200k, da XCMG Brasil, um gigante de 40 toneladas, 11,3 metros de comprimento, 4,3 metros de altura, e capacidade de carga de 12 toneladas.

Túnel do Conhecimento

A mineradora Vale também participa do evento com um espaço interativo, no qual o público poderá conhecer suas atividades e ações socioambientais. A Experiência Vale consiste em um estande multissensorial no qual os visitantes poderão conhecer os trabalhos sustentáveis da mineradora, como o cultivo de plantas nativas e preservação de área verde.

A Equipe Mining reúne mais de 12 mil participantes, entre engenheiros, técnicos, gestores e executivos. A realização da feira é das revistas Minérios & Minerales e O Empreiteiro, com patrocínio da Vale; a perspectiva de negócios é da ordem de R\$ 400 milhões.

Fonte: Assessoria Equipe Mining – ETC Comunicação

34-07/08/2014

MINERAÇÃO PROMOVE 2ª EDIÇÃO DO PRÊMIO "MELHORES PRÁTICAS EM SST"

O Programa MINERAÇÃO, do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM - www.ibram.org.br) promove neste ano, a segunda edição do Prêmio “Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho”. A iniciativa visa reconhecer o esforço das empresas do setor mineral na implantação de melhorias no ambiente de trabalho industrial, além de divulgar as ações bem sucedidas de promoção da Saúde e Segurança dos Trabalhadores do setor.

Para concorrer ao “Prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho 2014”, as empresas devem ser associadas ao MINERAÇÃO e desenvolverem boas práticas em atenção ao trabalhador. O Prêmio é dividido em três categorias: Atendimento às Emergências, Sistema de Comunicação de SST nas Operações e Sistemas Eficazes de Capacitação de Trabalho. Os cases inscritos poderão ser inscritos e premiados em apenas uma das categorias.

As inscrições estão abertas e devem ser entregues diretamente no IBRAM-MG ou encaminhados via Correio, em envelope fechado. Os vencedores serão anunciados no site do Programa MINERAÇÃO (www.programamineracao.org.br). A cerimônia ocorrerá na cidade de Belo Horizonte (MG).

A iniciativa prevê a premiação para as empresas participantes. Os três primeiros colocados receberão troféu Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho. Além disso, o primeiro lugar de cada categoria terá a oportunidade de apresentar o case no Painel de Saúde e Segurança do Trabalho, durante o 16º Congresso Brasileiro de Mineração, que será realizado durante a **EXPOSIBRAM 2015**, em setembro, na cidade de Belo Horizonte (MG). Os agraciados em primeiro e segundo lugar também terão o resumo dos cases publicados no site do Programa MINERAÇÃO.

Para mais informações acesse www.programamineracao.org.br.

Fonte: Instituto de Metais Não Ferrosos

35-07/08/2014

8° CBMINA: FALTA DE CONCEITO PARA RECURSOS E RESERVAS AFASTA BRASIL DE INVESTIDORES

O Brasil é o único país dos Brics que não aderiu ao sistema CrirSCO, que normatiza conceitos como o de reservas e recursos minerais. Isso pode afastar empresas locais de investidores internacionais, disse hoje (6) o consultor e geólogo Norman Lock, durante a conferência de abertura do 8º Congresso Brasileiro de Mina a Céu Aberto (CBMINA), em Belo Horizonte (MG).

Os códigos de minas de grandes países mineradores como Canadá, Austrália e Chile estão alinhados às definições emitidas pelo Committee for Mineral Reserves International Reporting Standards (CrirSCO), um comitê criado para fomentar a elaboração de relatórios sobre recursos e reservas que tenham um padrão que possa ser entendido internacionalmente.

“Empresas de países que não são membros não têm um acesso tão bom ao mercado de capital disponível no mundo”, diz Lock. Segundo ele, 80% as empresas dos países membros do CrirSCO somam 80% do valor total de empresas mineradoras que estão listadas em bolsa no mundo. “O Brasil é um candidato potencial.”

A inclusão de conceitos internacionais de recursos e reservas no novo marco regulatório da mineração, que tramita no Congresso, é uma das reivindicações de entidades e especialistas do setor.

O CrirSCO foi criado em 1994 com o patrocínio do Council for Mining and Metallurgical Institutions (CMMI), entidade que foi encerrada em 2002.

O predecessor do CrirSCO foi o UNFC, desenvolvido pela Comissão Econômica das Nações Unidas para a Europa (Unece) em 1997. O UNFC foi criado, na época, com a intenção de criar um único sistema global que harmonizasse todos os sistemas nacionais e internacionais para a divulgação de relatórios sobre recursos e reservas tanto no âmbito governamental quanto comercial para hidrocarbonetos e minérios sólidos.

Em 1999, o CrirSCO chegou a um acordo com a Unece para que seus conceitos fossem incorporados aos da UNFC no que diz respeito às categorias de recursos e reservas

usados em relatórios de mercado.

Lock explica que o UNFC inclui relatórios para materiais não econômicos e, por isso, é mais usado por governos e organizações não governamentais, enquanto o Cririsco é utilizado por empresas privadas.

“Que sistema usar? Eles não competem entre si, o UNFC é um guarda-chuva global, melhor para governos e ONGs, mas as empresas podem usá-lo internamente”, afirma o consultor.

No sistema Cririsco, é essencial que haja “perspectiva razoável para a extração econômica”, ou seja, o princípio da economicidade é muito importante. Outra diferença importante entre os sistemas é que a divulgação de resultados (disclosure) e o controle e garantia de qualidade (QAQC) são cobertos pelo Cririsco. No caso do UNFC, classificadores e usuários finais têm que concordar com esses dois aspectos.

O **CBMINA**, que é uma realização do **Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM)** e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), acontece até o dia 8 de agosto na Escola de Engenharia da UFMG.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

36-07/08/2014

SEMINÁRIO “MINERAÇÃO E MEIO AMBIENTE: ATUALIDADES”



Abertura Solene

Dr. Luís Cláudio Chaves - Presidente da OAB/MG
Dra. Consuelo Yatsuda Moromizato Yoshida - Desembargadora Federal
Dr. Maurício Werkema - Presidente da Comissão de Direito Minerário da OAB/MG
Dr. Mário Werneck - Presidente da Comissão de Direito Ambiental da OAB/MG

Mineração, Meio Ambiente e Desenvolvimento

Dra. Maria José Salum - Engenheira de Minas | Professora do DENIN/UFMG | Ex-Chefe do DEMIN | Ex-Vice-Diretora da Escola de Engenharia | Pró-reitora da UFMG | Diretora de Desenvolvimento Sustentável na Mineração, do Ministério de Minas e Energia
Dr. Carlos Alberto San Severino - Presidente da Comissão Nacional de Direito Ambiental | Ex-Presidente da Comissão de Meio Ambiente OAB/SP
Dr. Thales Teixeira - Garantia Jurídica de Meio Ambiente, Logística e Energia na Vale SA

Compensação Ambiental da Mata Atlântica

Dr. Werner Grau - Sócio no Pinheiro Neto Advogados atuando na área de Meio Ambiente, Mudança do Clima e Sustentabilidade
Dr. Marcelo Kokke - Procurador-Chefe da Procuradoria junto ao IBAMA/MG
Dr. Germano Vieira - Chefe de Gabinete da SEMAD

Mediação de Conflitos Ambientais na Atividade Minerária

Dr. Lauro Amorim - Garantia Jurídica de Anglo Gold Ashanti | Membro da Comissão de Direito Minerário da OAB/MG
Dr. Carlos Eduardo Ferreira Pinto - Promotor de Justiça | Coordenador do Núcleo de Resolução de Conflitos Ambientais MP/MG
Dr. Mário Werneck - Presidente da Comissão de Direito Ambiental da OAB/MG



Data: 20 de agosto de 2014 - 08h30

Local: Auditório da OAB/MG
Rua Abílio nº 250 - Cruzília - BH/MG

Investimento: Advogado R\$30,00
Estudante R\$15,00
Outros: R\$40,00

Vagas: 250 - Certificado: 8 horas/aula

Inscrições: www.oabmg.org.br

FONTE: IBRAM

37-07/08/2014

8º CBMINA: BRANDT APLICA CONCEITO DE RESILIÊNCIA CLIMÁTICA PARA MITIGAR RISCOS DE MINERAÇÃO

Especialistas da Brandt Meio Ambiente encontraram oportunidades de aplicação do conceito de resiliência climática aos negócios da mineração e no uso de metodologias para reduzir ou evitar riscos potenciais em empreendimentos do setor. Os resultados foram apresentados hoje (6) no 8º Congresso Brasileiro de Mina a Céu Aberto e 8º Congresso Brasileiro de Mina Subterrânea (CBMINA) que acontece em Belo Horizonte (MG).

A premissa do trabalho é que as alterações climáticas são hoje uma possibilidade real de interferência negativa nos custos e na viabilidade econômica de empreendimentos dos setores públicos e privados.

“No setor de mineração não é diferente, principalmente porque se percebe uma postura ainda efêmera por parte da iniciativa privada sobre o assunto, quando governos estão à frente no desenvolvimento de metodologias em busca de resiliência em relação às mudanças climáticas”, afirma Alceu Raposo Júnior, analista de meio ambiente da Promon Meio Ambiente e da Brandt.

O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) indicou que as alterações climáticas representam perdas da ordem de 1,5% do PIB mundial, número superior a US\$ 1 trilhão. “O assunto não se restringe aos governos. Toda a sociedade e em especial as empresas precisam se preparar para considerar a variável ‘mudanças climáticas’ em seus empreendimentos”, diz Raposo Júnior.

Segundo a Política Nacional de Mudanças Climáticas, resiliência é o conjunto de iniciativas e estratégias que permitem a adaptação, nos sistemas naturais ou criados pelos homens, a um novo ambiente, em resposta à mudança do clima atual ou esperada.

As medidas de resiliência fazem parte de um sistema, em que as dimensões ecológicas, geofísica e socioeconômica têm igual importância. Num cenário macroeconômico interligado, a atuação de um único setor ou país pode influenciar a confiança do consumidor e stakeholders em geral.

“A questão não pode ser encarada de forma simplista. Para desenvolver resiliência às mudanças climáticas, não bastam medidas pontuais ou cautelares simples. É preciso incorporar uma nova postura entre todos os participantes de um empreendimento, permeando todo o organograma. É necessário mapear as vulnerabilidades às quais a empresa está sujeita, frente a imprevisibilidade dos eventos extremos causados pelas mudanças climáticas”, afirma Emanuel Brandt, analista de meio ambiente da Brandt.

As políticas públicas deverão complementar as ações do setor privado, com coordenadas de planejamento, atuando diretamente sobre os limites dados pelas adversidades climáticas existentes nos diferentes setores da economia.

“Por seu lado, as empresas com o devido preparo para criar resiliência às alterações climáticas estarão menos sujeitas aos efeitos das mudanças climáticas, podendo até mesmo encontrar oportunidades para agregar valor ao negócio. Os conceitos de vulnerabilidade e geração de resiliência devem fazer parte da gestão empresarial para evitar impactos severos ao longo da operação do negócio”, declara Markus Weber, diretor da Brandt.

No setor da mineração, o risco climático pode se manifestar em várias áreas afetando o complexo minerário. “A lista é grande, mas entre outros podemos citar o comprometimento do fornecimento de água e danos à infraestrutura de transportes provocados por enchentes, transbordo de barragens de rejeitos, provocando contaminação ambiental, ameaças à saúde dos colaboradores provocadas por alterações nas condições de trabalho ou disseminação de doenças, problemas com as comunidades próximas às operações, alterações nas águas subterrâneas e de superfície, com implicações na drenagem ácida de mina e na mobilidade de contaminantes”, explica Alceu Raposo Júnior.

Os efeitos dos riscos climáticos podem incluir atrasos operacionais, lucro cessante, aumento dos custos de produção, falta de mão de obra e danos ambientais. “Se forem compreendidos e gerenciados de maneira apropriada e na hora certa durante a vida útil da mina, tais riscos podem ser previstos no planejamento de investimentos e decisões operacionais”, informa Markus Weber, diretor, Gestão do Conhecimento da Brandt.

As empresas do setor da mineração estão sujeitas, cada vez mais, à implantação de estratégias de negócio relacionadas às mudanças climáticas, em busca de resiliência e da competitividade futura.

“Para a boa gestão empresarial, é essencial estar atento a esses fatores de risco e vulnerabilidades e implementar medidas efetivas de resiliência para a manutenção e continuidade das operações de mineração. Certamente, seus gestores serão, cada vez mais, cobrados a fornecerem respostas adequadas a esta nova realidade”, diz Brandt.

O trabalho “A resiliência climática e sua aplicabilidade na mineração” foi desenvolvido pela engenheira de minas Ana Paula Silva Ferreira, o geógrafo Alceu Raposo Júnior, o químico Emanuel Manfred Freire Brandt e o engenheiro florestal Markus Weber, todos da Brandt Meio Ambiente. O CBMina, uma realização do **Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM)** e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), acontece até o dia 8 na Escola de Engenharia da UFMG.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

38-07/08/2014

INVESTIMENTOS DE US\$ 53 BILHÕES

Valor será aplicado no Brasil nos próximos cinco anos; setor se recupera da crise de 2008

O setor minerário brasileiro deve receber investimentos de US\$ 53,6 bilhões nos próximos cinco anos, conforme o diretor de assuntos minerários do **Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM)**, Marcelo Ribeiro Tunes. De acordo com ele, sinais de retomada do crescimento na China e a demanda interna por obras de infraestrutura contribuem para o incremento de expectativas do setor. Deste total, 41,8% devem ser aplicados em Minas Gerais.

Durante a Equipo Mining 2014, no Mega Space, em Santa Luzia, na região metropolitana de Belo Horizonte, o ouvidor do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Paulo Santana, ressaltou que, somente no ano passado, os investimentos do setor mineral, sem considerar petróleo e gás, somaram US\$ 400 milhões. Para o intervalo de 2012 a 2016, as projeções são de inversões de US\$ 75 bilhões. “Em investimento, só perdemos para o setor de petróleo”, frisou.

O diretor geral da Equipo Mining, Joseph Young, ressaltou a importância de Minas no setor, já que é responsável por 53% da produção de minerais metálicos no país e 29% de minérios em geral.

Ele fez uma análise da situação da atividade. “A mineração está na fase de final da curva de descida, que começou com a crise global de 2008 e a redução de crescimento da China, que passou de dois dígitos para um, e que diminuiu o consumo global de minérios e metais. Isso levou a uma crise de preços e a redução da produção”, diz.

Para ele, já há sinais de recuperação, com preços melhores das commodities, além do indicativo de que a China vai manter, pelo menos, o crescimento de 7% ao ano. “A perspectiva para os próximos anos é que a mineração vai ter preços melhores. Haverá retomada de projetos que foram postergados ou suspensos”, analisa.

O gerente técnico de tecnologia de ferrosos da Vale, Charles Valadão, disse que entre 2014 e 2018, a companhia projeta incremento de 9% na produção de minério de ferro. Para este ano, já estão aprovados US\$ 989 milhões em diversos projetos em Itabirito.

De acordo com ele, a expectativa de crescimento do consumo de aço até 2017 é de 33%. “Observamos que há um espaço ainda muito grande a ser explorado na China, maior país produtor de automóveis do mundo. Entretanto, o percentual de carros ainda é muito baixo”, observa.

Fonte: O Tempo

39-07/08/2014

CBMINA REÚNE ACADÊMICOS E PESQUISADORES EM DEBATE SOBRE RECURSOS E RESERVAS MINERAIS

O evento, realizado bianualmente pelo Instituto Brasileiro de Mineração, é o único do gênero no País e tem como objetivo discutir uma série de assuntos caros ao segmento

A cidade de Belo Horizonte (MG) sediou, na noite de ontem (6), a abertura oficial do Congresso Brasileiro de Mina a Céu Aberto e do **Congresso Brasileiro de Mina Subterrânea (CBMINA)**. Os eventos, realizados pelo **Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM – www.ibram.org.br)**, em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) reuniram cerca de 400 pessoas, entre estudantes, pesquisadores e autoridades do setor mineral. O **CBMINA** será realizado até a próxima sexta-feira (8).

Presidida pelo Diretor de Assuntos Ambientais do IBRAM, Rinaldo Mancin que, na ocasião representou o Diretor-Presidente do Instituto, José Fernando Coura, a abertura contou com a participação do Secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério de Minas e Energia (MME), Carlos Nogueira da Costa Junior, do Secretário de Energia do Estado de São Paulo, Marco Antônio Mroz, do Chefe do Departamento de Engenharia de Minas da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), George Eduardo Sales Valadão, que representou o Diretor da Escola de Engenharia de Minas, Alessandro Fernandes Moreira e do Ouvidor Geral do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Paulo Santana, representando o diretor geral Sérgio Dâmaso.

Participaram também o Subsecretário de Política Mineral e Energética de Minas Gerais, Paulo Sérgio Machado Ribeiro, o Subsecretario de Mineração do Estado de São Paulo, José Fernando Bruno, o Diretor de Assuntos Minerários do IBRAM, Marcelo Ribeiro Tunes e o Professor do Departamento de Engenharia de Minas, Cláudio Pinto, coordenador técnico do **CBMINA**.

Mancin frisou, em seu pronunciamento, a necessidade de reconhecer o apoio que o **IBRAM** recebeu para a realização desse evento integrado à academia que, se mostra, muitas vezes, como a “primeira oportunidade do jovem profissional se apresentar para o mercado de trabalho”.

“Precisamos destacar ainda a importância de discutirmos a certificação de Recursos e Reservas Minerais, tema que é de alta relevância tanto para a formulação de políticas públicas, como a viabilização econômica e financeira de projetos minerais. O Brasil ainda está, infelizmente, muito distante de alcançar a harmonização compatível à

realidade que temos presenciado em todo o mundo”, pontuou. “Precisamos fomentar uma discussão mais aprofundada sobre esse tema e, exatamente por isso estamos realizando o **CBMINA** com esse foco”, completou o Diretor.

“Além disso, **IBRAM** se sente muito honrado em poder dialogar com as novas gerações as questões socioambientais, especialmente dentro de uma Escola de Engenharia tão importante em nosso País”, finalizou.

O Chefe do Departamento de Engenharia de Minas da UFMG George Valadão, frisou, na ocasião, a importância do encontro que estimula a interação entre a Universidade e as empresas.

O Secretário de Energia do Estado de São Paulo, Marco Antônio Mroz, aproveitou a oportunidade para mostrar a realidade do estado de São Paulo. “Nosso estado ainda está engatinhando na questão minerária e é fundamental reconhecermos a importância da mineração dada, especialmente, ao valor agregado à atividade.” “Temos certeza que, com algum planejamento, é possível fazer da mineração sustentável o forte da nossa economia”, completou.

O Secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério de Minas e Energia (MME), Carlos Nogueira da Costa Junior frisou a importância da realização desse tipo de Seminário que separa Mina Subterrânea e Mina a Céu Aberto. “São dois mundos completamente diferentes. Ter a oportunidade de discutir esses assuntos no mesmo espaço, local e data, é um grande avanço e apoio para a formação da consciência de bons profissionais”, elogiou.

Além disso, destacou também a importância do Workshop relacionado a recursos e reservas minerais que, segundo ele, debate um tema discutido há muitos anos com técnicos de várias empresas dentro da Agência para o Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Mineral Brasileira (ADIMB).

“São dois vieses muito diferentes relacionados à função do Estado e a função das empresas na captação e na busca de recursos globalizados e convencimento dos fundos e dos bancos de que aquele projeto merece ter incentivo financeiro. Essa é uma discussão necessária e mais do que apropriada”, frisou.

“Além disso, é importante lembrar que não devemos olhar a questão socioambiental como um problema. Temos que internalizar que a mineração é importante para a economia, gera emprego e desenvolvimento e que precisa ser discutida pelas empresas. Precisamos fazer disso um ganho na transformação desse setor tão importante para o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro”, detalhou o secretário.

“É possível fazer uma mineração sustentável com respeito às sociedades, às suas raízes, ao Meio Ambiente e gerando emprego e renda para o povo brasileiro”, finalizou.

Patrocinadores e Apoiadores

Oito empresas figuraram como patrocinadoras do evento: Vale S.A. (Patrocinador Diamante), Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e de Metais Básicos - Sinferbase (Patrocinador Ouro), AngloGoldAshanti (Patrocinador Bronze), Geobruigg (Patrocinador Bronze), Geosol (Patrocinador Bronze), Gerdau (Patrocinador Bronze), Metso (Patrocinador Bronze) e Samarco (Patrocinador Bronze).

Apoiaram editorialmente o **CBMINA** as Revistas In The Mine, Brasil Mineral, Minérios & Minerale e Escola de Minas, o Site Notícias de Mineração Brasil e o Instituto Aço Brasil.

Fonte; Site IBRAM

40-07/08/2014

GERDAU

Receita cresce 5,7% no trimestre

A Gerdau obteve receita líquida de R\$ 10,4 bilhões no segundo trimestre de 2014, uma evolução de 5,7% frente ao mesmo período do ano anterior. A siderúrgica comenta que o aumento deveu-se especialmente à continuidade do crescimento da demanda por aço na América do Norte. As vendas físicas consolidadas atingiram 4,5 milhões de t de aço, 2,4% inferior ao segundo trimestre de 2013, por conta da redução da demanda por aço no mercado interno brasileiro e pela menor atividade econômica no período, à redução das exportações a partir do Brasil e à diminuição das vendas nos demais países da América Latina. Entre abril e junho, a Gerdau produziu 4,7 milhões t de aço, mantendo-se estável em relação ao mesmo trimestre de 2013, enquanto o Ebitda caiu 2,2%, para R\$ 1,2 bilhão. O lucro líquido foi de R\$ 393 milhões, queda de 2% sobre o segundo trimestre de 2013. As vendas físicas para o mercado interno brasileiro (não inclui as unidades produtoras de aços especiais), de 1,4 milhão de t caíram 8,9%, ao passo que as exportações a partir do País apresentaram 17,6% de diminuição, atingindo 216 mil t. Nos demais países da América Latina (exceto Brasil), foram comercializadas 631 mil t, 13,1% a menos frente o mesmo período do ano anterior. Já as vendas realizadas pela Operação de Negócio de Aços Especiais (incluindo usinas no Brasil, nos Estados Unidos, na Índia e na Espanha) somaram 749 mil t, volume 2,2% inferior em relação ao segundo trimestre de 2013, impactado principalmente pela redução da produção da indústria automotiva no mercado brasileiro. As vendas de minério de ferro alcançaram 1,7 milhão de t, um aumento de 94,1% frente ao mesmo período de 2013. Desse total, 1 milhão de t foi direcionado para usinas da Gerdau e 715 mil t para o mercado. Os investimentos da Gerdau somaram R\$ 478,7 milhões no segundo trimestre devido à realização de investimentos já anunciados e, no acumulado do ano, a R\$ 1,2 bilhão. Devido ao cenário de volatilidade vivido pela indústria siderúrgica, a Gerdau revisou o programa de desembolso de investimentos de R\$ 2,9 bilhões para R\$ 2,4 bilhões em 2014.

41-07/08/2014

AÇO

AL importa 65% mais laminados da China

Segundo dados da Associação Latino-Americana de Aço (Alacero), a China exportou 4 milhões t de produtos laminados para a região no primeiro semestre, 65% a mais que no mesmo período de 2013. A China exportou para o mundo 36,9 milhões de t de aço laminado no semestre, aumento de 39% em relação aos seis primeiros meses de 2013. O consumo de aço laminado na América Latina corresponde 5% do total mundial. No entanto, a região atualmente representa 11% das exportações desses produtos e sua participação aumentou 2 pontos percentuais (desde 9%) no último ano. A Coreia do Sul, com 6,2 milhões de t, manteve-se sendo o principal destino de laminados chineses no primeiro semestre de 2014. No entanto, convém destacar que a diferença entre esse país e a América Latina vem diminuindo. No primeiro semestre de 2013, a Coreia do Sul foi responsável por 18% das exportações chinesas, índice que caiu para 17% este ano. Em junho, a América Latina importou 647.080 t de produtos laminados da China, 25% menos do que o registrado no mês anterior (858.122 t), mas foi 4% a mais que em junho de 2013 (569.427 t). Os principais destinos do aço laminado chinês na região até junho de 2014 foram: Brasil, que recebeu 1,1 milhão de t; Chile, 614.698 t e América Central, 506.213 t. Os países que mais aumentaram as importações de laminados da China no semestre foram Paraguai (242%), México (155%), Colômbia (121%), Argentina (120%) e Brasil (84%). A América Central recebeu apenas 13% do aço laminado da China. A América Latina importou da China até junho 2,7 milhões t de produtos planos, 67% do total de laminados. Entre os principais produtos recebidos estão Folhas e bobinas de outras ligas de aços: 977.844 t (37% do total); Bobinas em frio: 558.482 t (21%); Zincadas em quente: 552.380 t (21%); No mesmo período, a AL recebeu 1 milhão t de aços longos da China, concentrados principalmente entre Fios (597.252 t) e Barras (374.520 t).

42-07/08/2014

FERROVIAS

Vale renova frotas da EFVM e EFC

A Vale iniciou a operação do novo trem de passageiros da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM). No começo de 2014, a mineradora tinha anunciado investimento de mais de US\$ 135 milhões para renovar a frota das suas duas ferrovias, a Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM) e a Estrada de Ferro Carajás (EFC) - essa última que liga o Maranhão ao Pará. Desse montante, US\$ 80,2 milhões foram destinados à compra dos carros que começaram a operar dia 05 de agosto na Vitória a Minas. Fabricados na Romênia, os vagões, desembarcaram em Vitória (ES) entre dezembro de 2013 e maio deste ano e obedecem a padrões europeus de qualidade. Na EFVM serão, ao todo, 56 novos carros, sendo 10 executivos e 30 econômicos. Já para a EFC foram adquiridos 39 carros, dos quais seis serão executivos e 21 econômicos, que entram em operação em

2015. O investimento para a renovação da frota da EFC foi de US\$ 55,6 milhões. Ainda foram comprados novos carros restaurante, lanchonete, gerador e cadeirante (destinado a pessoas com dificuldade de locomoção) para ambas as ferrovias. Cada carro executivo da EFVM tem capacidade para transportar 57 passageiros. Já nos econômicos há 75 lugares. Em ambas as classes os carros são climatizados e contam com tomadas elétricas individuais nas poltronas para possibilitar o carregamento de equipamentos eletrônicos, como notebooks e telefones celulares.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 664

43-07/08/2014

ARCELORMITTAL

Lucro de 245 milhões de euros na Europa

A ArcelorMittal Europa registrou lucro de 245 milhões de euros no segundo trimestre de 2014, resultado bem superior aos 58 milhões de euros no primeiro trimestre do ano. Em relação ao mesmo trimestre de 2013, a Companhia conseguiu reverter prejuízo de 143 milhões de euros. O Ebitda somou 503 milhões de euros, alta de 29% no trimestre. A produção de aço da ArcelorMittal Europa atingiu 10,9 milhões t, praticamente a mesma do trimestre anterior. As exportações alcançaram 10,2 milhões, um aumento de 1,8% comparado com o trimestre inicial de 2014. As vendas cresceram 1,7% no período, para 7.7 bilhões de euros. Aditya Mittal, CEO da ArcelorMittal Europa, disse que os resultados mostram, pelo segundo trimestre consecutivo, que o progresso da Companhia está apoiado por melhores custos e aumento nos volumes.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 664

44-07/08/2014

PRÊMIO

Inovação ABM para comemorar os 70 anos

Para comemorar seus 70 anos de existência, a Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração (ABM) criou o Prêmio Inovação ABM, com o objetivo de reconhecer os esforços das empresas, profissionais e estudantes na melhoria contínua dos processos produtivos, fortalecer a interação universidade-empresa, além de incentivar e divulgar a inovação nos setores de atuação da entidade. Os interessados concorrem nas categorias: profissional e estudante. O autor (ou autores) do melhor trabalho na categoria profissional receberá como prêmio um carro modelo Up!, da Volkswagen. O campeão na categoria estudante ganhará um computador MacBook. Os 2ºs e 3ºs colocados nas duas categorias levarão, respectivamente, um iPad e um iPhone. Todos receberão um troféu relativo aos 70 anos da ABM, confeccionado em metal e minério. O participante deve ser associado da ABM, obrigatoriamente. O prêmio é aberto para estudantes de graduação, profissionais da indústria, pesquisadores, professores, alunos de pós-graduação, mestrado e doutorado que tenham projeto,

produto, processos, metodologia e/ou serviços implementados nos setores de atuação da ABM, que sejam passíveis de avaliação qualitativa e quantitativa em relação ao resultado obtido e finalizados a partir de janeiro de 2013. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas até 30 de agosto pelo Portal ABM, onde também está disponível o regulamento: www.abmbrasil.com.br/premioinovacao. O prêmio tem apoio da Aperam, ArcelorMittal, CBMM, CSN e Volkswagen do Brasil.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 664

45-07/08/2014

PARÁ

Vale abre 300 vagas de trabalho para projetos operacionais

A Vale anunciou a abertura de 300 vagas de trabalho em suas operações no Pará. Há vagas para trabalhar no Complexo Minerador de Carajás (minério de ferro e manganês) e na mina de Salobo (cobre), em Parauapebas; mina do Sossego (cobre), em Canaã dos Carajás; Serra Leste (minério de ferro), em Curionópolis; e Onça Puma (níquel), em Ourilândia do Norte. Há oportunidades para nível superior, inclusive para engenheiros, e para nível técnico e operacional. "O sudeste do Pará é uma região muito importante para a Vale, onde estão seus maiores projetos no momento, e que oferece ótimas oportunidades para profissionais interessados em enfrentar novos desafios, desenvolver sua carreira e contribuir para gerar um impacto positivo sobre o meio ambiente e as comunidades", explica Ana Lundberg, Gerente de RH da Vale no Pará. Cerca de 60 vagas (20% do total) são de nível superior. Além de engenheiros e geólogos, há vagas para analistas de várias áreas, como administrativo, RH, segurança do trabalho, meio ambiente e relações com comunidade. A Vale oferece um pacote completo de benefícios e uma atraente política de remuneração variável. Os interessados devem cadastrar seu currículo no site www.vale.com/oportunidades.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 664

46-07/08/2014

FINEP

Lançado o Finep 30 Dias Pesquisa para convênios

A Finep lançou o seu novo sistema de análise de convênios com universidades, institutos tecnológicos e centros de pesquisa, o Finep 30 Dias Pesquisa. O sistema segue a mesma linha do Finep 30 Dias voltado para empresas, que opera desde setembro de 2013. Com a inovação, todo o processo, desde o lançamento do edital até a execução do projeto, será reduzido de oito para três meses, com a análise ocorrendo em até 30 dias. Atualmente, a Finep trabalha com um universo de cerca de 230 instituições, hoje ligadas ao Portal do Cliente e que serão beneficiadas com o sistema. A iniciativa vai acabar com diversos problemas que atrasam os processos, como cadastros duplicados e informações diferentes de mesmas universidades. Grandes instituições, como USP e UFRJ, enviam cerca de 90 projetos por ano. Para cada um, é preciso mandar os mesmos documentos. "Isso burocratiza o processo e atrasa a liberação do dinheiro. Queremos dar agilidade

total", afirma Glauco Arbix, Presidente da Finep. Com a nova ferramenta, as instituições terão até o começo de 2015 para realizar um cadastro no novo sistema, que terá de ser aprovado pela Finep. Os convênios vigentes serão migrados e vinculados às universidades a partir do próximo ano. Os dois sistemas (Finep 30 Dias e Portal do Cliente) funcionarão em paralelo por algum tempo, até que todos os projetos sejam migrados. Estima-se que esse processo leve de seis meses a um ano. Uma das tecnologias que será usada é a certificação digital (assinatura eletrônica), que, além de reduzir o tempo do processo, diminuirá os gastos com correio e dará maior transparência. Todos os documentos que normalmente tramitam neste processo, tanto internos quanto externos, também serão digitais.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 664

47-07/08/2014

NEGÓCIOS

Vale e JBIC assinam parceria de três anos

A Vale e o Japan Bank for International Cooperation (JBIC) assinaram um Memorando de Entendimento para cooperação operacional. Com isso, a Vale e o JBIC vão avaliar as possibilidades de financiamento futuro para apoiar os negócios da empresa em minério de ferro, carvão, metais básicos e projetos de infraestrutura relacionados, além de ampliar a parceria entre a Vale e empresas japonesas. O acordo tem validade de três anos.

48-08/08/2014

Governo federal vira foco de debate entre presidenciáveis em Minas

Por **Marcos de Moura e Souza | Valor**

BELO HORIZONTE - Os dois principais candidatos a governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel (PT) e Pimenta da Veiga (PSDB), trocaram ataques na noite de quinta-feira relacionados aos seus adversários em nível federal. No debate realizado pela TV Band, Pimentel fez diversas referências ao senador Aécio Neves, que governou o estado por quase oito anos e hoje é o principal candidato da oposição à Presidência. Veiga atacou a gestão da presidente e candidata à reeleição, a petista Dilma Rousseff.

Pimentel, que até o início do ano foi ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior de Dilma, afirmou que o ambiente econômico no estado não tem ajudado a atrair empresas e que diferentemente de outros, Minas não aproveitou os anos de "pujança econômica do país nesses últimos anos". Sem mencionar Aécio em nenhum momento, Pimentel dirigia suas críticas ao ex-governador (2003 a 2010) e a seu sucessor, o também tucano Antonio Anastasia (2010 a 2014).

Desde abril, o estado tem como governador Alberto Pinto Coelho (PP), antigo aliado de Aécio. Anastasia deixou o cargo para poder se candidatar ao Senado, mas é o grupo de Aécio que ainda tem forte influência na gestão.

O candidato do PT classificou a educação em Minas como “lamentável”, disse que o estado está em 24a. posição no ranking dos que pagam melhores salários para os professores e que em 12 anos, o governo tucano não construiu nenhuma escola técnica. Pimentel também afirmou que nesse período, os governos Aécio e Anastasia reduziram contingente de policiais e que não entregaram nenhum hospital regional.

“O Estado tem que cumprir o que está na Constituição, 12% do Orçamento para a saúde. Em 12 longos anos de governo tucano em Minas, nunca cumpriram os 12%”, disse o petista.

Pimentel está em primeiro lugar nas pesquisas desde o ano passado, mas sua vantagem vem caindo. No último levantamento, divulgado pelo Ibope, ele apareceu com 25% das intenções de voto e Pimenta com 21%.

Dilma lidera as pesquisas nacionalmente (tem 38% e Aécio 23%, segundo pesquisa Ibope de ontem). Mas em Minas está atrás do tucano. Dilma e Aécio são mineiros – ela, no entanto, fez carreira no Rio Grande do Sul.

Pimenta da Veiga, que foi ministro das Comunicações no governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB), defendeu o período do governo tucano em Minas como tendo sido de “grande avanço” na área econômica. “No primeiro trimestre deste ano, Minas Gerais cresceu quatro vezes mais do que o país, que aliás está com um pibinho irrisório, vexaminoso, uma vergonha nacional.”.

O tucano também atacou a gestão de Dilma na questão da segurança pública, afirmando que o governo “escancarou nossas fronteiras, por onde drogas e armas são contrabandeadas”. “Isso é um crime do governo federal com a população do Brasil”, disse. “Este governo federal que não tem sabido administrar o país está fazendo com que o país seja a pátria do crime.”

Veiga ainda criticou o governo Dilma por ter agido com “desleixo” e “desinteresse” em relação à votação do marco da mineração no Congresso, tema que interessa diretamente o Estado pelo peso que o tem na economia local. Em um único momento de confronto direto, Pimentel e Veiga discordaram e trocaram acusações sobre as responsabilidades em relação à lentidão da expansão do metrô de Belo Horizonte e também das obras no anel rodoviário na cidade.

Além dos dois, participaram também do debate o candidato do PSB, Tarcísio Delgado, e do PSOL, Fidélis Alcântara.

49-08/08/2014

Vale prevê duplicar exportação para China

Por **Elisa Soares** | Do Rio

A Vale tem meta de dobrar o volume de minério vendido para a China dentro de até cinco anos, para 300 milhões de toneladas. O total de minério exportado pela companhia deve subir, em igual período, para 400 milhões de toneladas. A afirmação é do diretor-executivo de ferrosos e estratégia da Vale, José Carlos Martins, que participou ontem do Encontro Nacional do Comércio Exterior (Enaex), no Rio.

Em 2013 a Vale exportou 270 milhões de toneladas de minério de ferro - 150 milhões de toneladas para a China. E nos primeiros seis meses deste ano comercializou 71,5 milhões de toneladas de minério de ferro e pelotas para o país, destino de cerca de 50% das exportações da mineradora para os dois produtos no período.

A Vale precisará de novos navios para fazer frente ao aumento do volume exportado, e já estuda se vai contratar ou comprar novas embarcações. "A gente tem optado por contratar. É certo que com o aumento do volume exportado, vamos precisar contratar ou comprar mais navios. Já estamos trabalhando nisso", disse.

Quando perguntado se os navios seriam Valemax - os maiores graneleiros do mundo - Martins respondeu apenas que seriam navios que atendessem às necessidades da Vale.

O diretor explicou que o acréscimo nas vendas previsto para 2018 será decorrente de aumento na produção de minério pela Vale, que em cinco anos deve crescer em 150 milhões de toneladas. Assim em 2018 a meta de produção da mineradora será de 450 milhões de toneladas de minério de ferro.

A maior parte destes volumes, 130 milhões, virão de projetos no norte do país, em Carajás, no Pará. São eles o Serra Sul (S11D) e o projeto Adicional 40 (+ 40). Os 20 milhões restantes virão do projeto de Conceição Itabiritos II, em Minas Gerais.

O diretor da Vale explicou que a meta para este ano, de 312 milhões de toneladas, poderá ser superada, embora isso ainda não seja uma certeza. "Nosso 'guidance' é aquele que já foi dado, o que está ocorrendo é que até agora a produção está se desenvolvendo um pouco melhor do que a expectativa, mas a nossa atividade está sujeita a fenômenos climáticos. Até agora está transcorrendo melhor que o previsto", afirmou.

Martins confirmou ainda que a companhia está preparada para competir independentemente do preço futuro do minério de ferro e acrescentou que mantém a confiança no desempenho da economia chinesa.

50-08/08/2014

Magnata da mineração chinesa perde apelação e deve ser executado em semanas

Liu Han o poderoso dono do conglomerado Hanlong que inclui várias mineradoras, indústrias químicas e de energia, teve o seu recurso negado. O tribunal chinês de apelação ratificou a sua sentença de morte. Liu e seu irmão foram acusados da morte de 8 pessoas e de montar uma organização criminosa. A execução deve ocorrer nas próximas semanas em data a ser determinada.

Fonte: www.geologo.com.br

51-08/08/2014

Novo governo na Nova Caledônia cancela acordo com Vale sobre níquel

Reuters

(Reuters) - O novo presidente da província sul da Nova Caledônia cancelou um acordo com duas produtoras de níquel para explorar uma grande reserva de minério, relatou uma rádio da Nova Zelândia nesta sexta-feira.

Philippe Michel disse que o memorando de entendimento com o grupo minerador francês Eramet e com a brasileira Vale é ilegal em cinco aspectos, de acordo com relato da Rádio Nova Zelândia.

Os comentários de Michel ocorrem em um momento em que o território revisa as leis minerais seguindo as mudanças de liderança e um salto nos preços do níquel de 35 por cento neste ano, depois que a Indonésia proibiu exportações do minério em janeiro.

Michel disse à Reuters em junho que a ilha do sul do Pacífico precisa se planejar para o futuro sem as minas de níquel e que iria introduzir um tributo de exportação ligado ao preço do níquel para criar um futuro fundo.

Segundo o relato da rádio, o empreendimento iria explorar as reservas de níquel Prony e Pernod no sul da ilha principal ao longo de quatro anos. As estimativas são de que elas contenham 3 milhões de toneladas de níquel a serem extraídas ao longo de 50 anos.

Um acordo tem sido proposto para estabelecer uma joint venture na qual o governo provincial seria o maior acionista, segundo o relato.

A Nova Caledônia, na costa nordeste da Austrália, detém cerca de um quarto das reservas mundiais conhecidas de níquel e emprega mais de 6 mil pessoas no processamento do minério.

As minas de níquel representam cerca de 20 por cento da produção econômica do território governado pela França, segundo dados oficiais.

O processamento do níquel se tornou uma bandeira para alguns grupos locais devido aos danos ambientais. Mais cedo neste ano, um vazamento químico levou a distúrbios que fecharam a mina de níquel Goro, da Vale, por cerca de um mês.

(Reportagem de Melanie Burton, em Sydney)

52-08/08/2014

ARCELORMITTAL DOBROU OS APORTES NO BRASIL NO PRIMEIRO SEMESTRE

Capex da companhia no país atingiu US\$ 241 milhões

A ArcelorMittal praticamente dobrou os aportes no Brasil no primeiro semestre na comparação com o mesmo intervalo do ano passado. O capex da companhia no país atingiu US\$ 241 milhões, ante US\$ 122 milhões em 2013, alta de 97,5% no período.

Os desembolsos da siderúrgica no país correspondem a cerca de 7% do capex global da ArcelorMittal no período (US\$ 1,649 bilhão). As informações são do balanço financeiro divulgado nesta semana pelo conglomerado siderúrgico.

O principal projeto da companhia no Brasil é a duplicação da usina de João Monlevade, no Vale do Aço. Após ficar cerca de um ano e meio em stand-by a companhia retomou os aportes em meados de 2013.

O projeto foi dividido em duas fases. A primeira etapa, orçada em R\$ 352 milhões, compreende a instalação do terceiro laminador com capacidade de 1,1 milhão de toneladas/ano, além da ampliação das usinas de Juiz de Fora (Zona da Mata) e Cariacica (ES). A conclusão está prevista para o próximo ano.

Já a segunda etapa, ainda em stand-by, compreenderá a construção de uma nova sinterização e um novo alto-forno. Além disso, a companhia irá dobrar a produção da aciaria, que atingiria 2,4 milhões de toneladas de tarugos por ano.

Com a retomada de parte deste plano, a ArcelorMittal Aços Longos passará de uma capacidade de 3,8 milhões de toneladas/ano de aços laminados para 4,9 milhões de toneladas/ano.

Questionada, a empresa informa que o projeto segue o cronograma previsto, com start up no primeiro trimestre de 2015. Com as obras, foram gerados 2.200 postos de trabalho no Estado.

Retração - Apesar de dobrar os investimentos, a ArcelorMittal registrou queda de 5,7% na receita com as vendas de aço no Brasil no primeiro semestre, ante igual intervalo do

ano passado. O resultado passou de US\$ 5,080 bilhões para US\$ 4,787 bilhões, de acordo com o balanço financeiro do conglomerado siderúrgico.

O Ebitda, lucro antes dos juros, impostos, depreciação e amortização, alcançou US\$ 839 milhões no acumulado de janeiro a junho. O valor é 6,7% inferior ao verificado no primeiro semestre do exercício passado, quando somou US\$ 900 milhões.

A produção de aço bruto nas usinas da companhia no Brasil, conforme o documento, atingiu 4,637 milhões de toneladas. O volume é 5,2% inferior ao verificado no primeiro semestre de 2013, quando atingiu 4,894 milhões de toneladas.

De acordo com o balanço, a gigante do setor siderúrgico reduziu de forma significativo o prejuízo líquido no primeiro semestre. O resultado passou de US\$ 1,125 bilhão para US\$ 153 milhões.

As vendas globais somaram US\$ 40,492 bilhões no primeiro semestre, ante US\$ 39,949 bilhões em 2013, o que representa alta de 1,3% no período. O Ebitda passou de US\$ 3265 bilhões para US\$ 3,517 bilhões, elevação de 7,7%.

Fonte: Diário do Comércio

53-08/08/2014

CBPM LANÇA PUBLICAÇÃO PARA INCENTIVAR CRIAÇÃO DE GEOPARQUE EM MORRO DO CHAPÉU

A Companhia Baiana de Pesquisa Mineral lançou na última segunda-feira (04/08) a 14ª Publicação Especial. O livro Geoparque Morro do Chapéu Bahia (Proposta) é uma separata do texto originalmente publicado em 2012 pela CPRM - Serviço Geológico do Brasil no livro Geoparques do Brasil – Propostas.

Participaram da cerimônia várias entidades envolvidas e interessadas no projeto de criação do geoparque, entre elas a Prefeitura, a Câmara de Vereadores e a Associação dos Amigos e Filhos de Morro do Chapéu (ASFAM). Participaram também políticos ligados à região, representantes da CPRM – Serviço Geológico do Brasil e colaboradores da CBPM.

Durante a abertura o Diretor Técnico da CBPM, Rafael Avena, destacou a importância de incentivar projetos multidisciplinares, como este, para desenvolver a geoconservação na Bahia. Já o Presidente da CPRM, Manoel Barreto, falou do esforço do órgão federal em mapear os geoparques do país e anunciou o interesse da Petrobras em participar do projeto, incentivada pelas similaridades das formações geológicas dos arredores de Morro do Chapéu com aquelas das camadas do pré-sal.

Em seguida, o pesquisador em geociências e co-autor do livro Geoparques do Brasil, Antônio Dourado, fez a apresentação do trabalho realizado em conjunto com o geólogo da CBPM, Augusto Pedreira, já falecido e homenageado no evento.

Segundo Dourado, o geoparque é uma estratégia de desenvolvimento regional multidisciplinar baseado na ocorrência de patrimônio geológico de grande relevância. “O trabalho que realizamos, através da CPRM, identificou 28 áreas potenciais, dentre elas a região de Morro do Chapéu”, afirmou.

“A publicação da CBPM é um apoio importante, mas apenas um ponto de partida. Para efetivar a criação do geoparque a proposta tem que ser transformada em um documento, abordando o plano de trabalho existente na região, a constituição de uma equipe, fonte de recursos, modelo de gestão e aspectos descritivos dos geossítios para que se possa remeter à Rede Global de Geoparques Nacionais (RGGN), criada pela Unesco em 2004, órgão encarregado de chancelar o enquadramento e sua vinculação a esta Rede”, diz Dourado.

Para que a proposta seja enviada é necessário que a região já esteja funcionando nos moldes do geoparque, ou seja, que tenha sinalização turística e temática de cada geossítio de interesse, além de material de divulgação que informe a relevância geológica do local, assegurando uma visita segura e sustentável do ponto de vista ambiental. Para Antônio Dourado há um longo caminho a ser percorrido. Apesar de Morro do Chapéu ter todos os atributos precisa finalizar os requisitos necessários para a formulação do seu credenciamento à Rede Global de Geoparques Nacionais.

Mas, em um aspecto todos que estiveram no auditório da CBPM concordam que a publicação, ora lançada, é uma contribuição relevante para incentivar a concretização deste importante projeto para a região de Morro do Chapéu. A CBPM e CPRM planejam fazer também, o lançamento desta publicação na cidade de Morro do Chapéu juntamente com as lideranças e autoridades locais em data a ser previamente divulgada.

Os interessados em obter a publicação podem solicitar diretamente à Gerência de Publicações (Gepub) na Sede da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM).

Fonte: CBPM

54-08/08/2014

SETOR DE MINERAÇÃO RECEBE ORIENTAÇÕES QUANTO AOS RECURSOS HÍDRICOS

Mineração, atividade presente na economia do extremo sul catarinense, ganha destaque na bacia do rio Araranguá com a elaboração do Plano de Recursos Hídricos, que está sendo executado desde o final de 2013 a fim de definir a qualidade das águas na bacia e os meios de conservação desse bem natural. Nesta semana, o tema ganhou destaque pela

capacitação exclusiva ao setor de mineração que ocorreu na tarde desta quarta-feira, em Criciúma, em uma das salas da UNESCO, ministrada por Fábio Paganini, da Profill Engenharia e Ambiente, empresa contratada pelo Governo do Estado, por intermédio da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável, para levantamentos dos estudos.

Enquadrados como usuários de água da bacia do rio Araranguá, o grupo foi capacitado para realizar o cadastramento, ferramenta que vai identificar quanto de água cada um precisa para o desenvolvimento de sua atividade, para solicitar e renovar a licença ambiental de empreendimentos e o requerimento do direito de outorga de uso da água.

A capacitação, destinada a todos os tipos de mineração, argila, areia, seixo, florita, carvão reuniu representantes da Colombo Retroterra, Gabriela Mineração, Prefeitura de Nova Veneza e Sindicato da Indústria de Extração de Carvão do Estado de Santa Catarina (Siecesc), que representa a mineração no quadro de entidades membro do Comitê Araranguá.

Fonte: Clica Tribuna

55-08/08/2014

EQUIPO MINING APRESENTA TECNOLOGIAS FOCADAS NA REDUÇÃO DE CUSTO

Palestras destacaram cases de tecnologias em equipamentos e serviços que visam redução de custos e aumento da produtividade na mineração; Equipo Mining vai até amanhã, no Mega Space, em Santa Luzia, na RMBH, de 13 às 21 horas

A Equipo Mining 2014, única feira de demonstração ao vivo de mineração e processamento mineral da América Latina, termina nesta sexta-feira (08/08), no Mega Space, em Santa Luzia, na RMBH. Dentre os destaques da programação estão a exibição de máquinas utilizadas na indústria da mineração, além de tecnologias e sistemas desenvolvidos sob medida para aprimorar a performance. A entrada é gratuita e o público ainda participa de test drive em várias máquinas utilizadas na indústria da mineração.

O 3º dia do evento teve como destaque o Ciclo de Palestras “Tecnologia de Equipamentos de Lavra e Processos – Cases de sucesso”. A Vale apresentou um sistema robotizado lavador de caminhões que garantiu à mineradora redução de 50% do consumo de água. Segundo o engenheiro Emerson Balbino, além de reduzir os riscos de acidentes, o sistema possibilita redução de custo e tempo no processo. “Também aumentamos a confiabilidade e disponibilidade dos equipamentos e ainda reduzimos o impacto ambiental”, comemora o engenheiro da Vale.

O sistema robotizado é composto por dois robôs industriais que se deslocam linearmente sobre trilhos de forma a alcançar todas as partes do caminhão. O boxe de lavagem conta com cancelas flexíveis e sensores que auxiliam no posicionamento correto do equipamento.

A Samarco Mineração apresentou um case para redução de custos com lubrificantes. “Mudamos a regulação das unidades de lubrificação, além de uma revisão estratégica de análise de óleo, instruções de trabalho e treinamento da equipe. Foram seis meses de mudança, evidenciando um trabalho de todos os gestores da empresa”, destacou o engenheiro mecânico Rodrigo Werneck Athouguia.

Tecnologias para uso nas pedreiras – As novas tecnologias para uso nas pedreiras e extração de calcário para cimento é o tema do Ciclo de Palestras do último dia do evento, nesta sexta-feira (08/08). Entre os destaques estão as palestras “Sistema de produção de areia artificial a úmido com tratamento de água”, com o Gerente de Aplicações da Simplex, Vinicius Vilela, às 14 horas; a apresentação do case “Reativação da mina Placa e Otimização de processos geram economia de R\$ 8,2 milhões em 2013, no processo de fabricação de Cimento Portland”, com o gerente de mineração da Votorantim Cimentos, Juliano Kuster Anjos, às 14h15; “Inovação na Vale”, com a gerente de Tecnologia e Inovação da Vale, Cláudia Villa Diniz, às 15h40, entre outras palestras.

Túnel do Conhecimento - A mineradora Vale também participa do evento com um espaço interativo, no qual o público poderá conhecer suas atividades e ações socioambientais. A Experiência Vale consiste em um estande multissensorial no qual os visitantes poderão conhecer os trabalhos sustentáveis da mineradora, como o cultivo de plantas nativas e preservação de área verde.

A Equipe Mining reúne mais de 12 mil participantes, entre engenheiros, técnicos, gestores e executivos. A realização da feira é das revistas Minérios & Minerales e O Empreiteiro, com patrocínio da Vale; a perspectiva de negócios é da ordem de R\$ 400 milhões.

Fonte: Assessoria Equipe Mining – ETC Comunicação